CESAR DA SILVA

DO INSTITUTO DE COIMBRA

MOSTEIRO

DOS

JERONYMOS

HISTORIA E DESCRIPÇÃO DO MONUMENTO

2.ª EDIÇÃO

1903 — ATELIERS GRAPHICOS — R. d'Alcantara, 62-A — LISBOA

MOSTEIRO DOS JERONYMOS

Cesar da Silva

DO INSTITUTO DE COIMBRA

Mosteiro dos Jeronymos

Historia e descripção do Monumento

2.ª Edição

LISBOA

ATELIERS GRAPHICOS — BRITO NOGUEIRA

RUA D'ALCANTARA, 62-A

1903

I

Origem do monumento — Rendimentos consignados á sua construcção — Local escolhido — A ordem de Christo — Doação aos frades de S. Jeronymo — Quando começou a obra — Nome do architecto — Chronicas perdidas — Alterações do risco primitivo — Investigações sobre o seguimento da obra — A renascença.

Da grande façanha do descobrimento do caminho maritimo para a India ficaram a Portugal, além de logar importante entre as nações da Europa e d'um nome immorredouro nos fastos da historia, dois monumentos grandiosos, testemunhas gigantes d'essa gloria e padrões seculares da época de grandezas que assignalou o reinado do nosso rei *Venturoso*.

Esses monumentos são a grande epopêa de Camões — os *Lusiadas* — e esse outro adoravel poema, em pedra — que se chama Mosteiro dos Jeronymos.

Em memoria do grande feito de Vasco da Gama o mandou erguer D. Manuel, para d'este modo pagar á Divindade as primicias do esplendor que tal successo vinha trazer ao paiz e ao seu reinado.

Chegou Vasco da Gama ao Tejo em 29 de agosto de 1499, e logo nesse anno, com avantajada parcella das riquezas trazidas da India, se tratou da construcção do monumental convento, imaginando-se-lhe a traça de esplendorosa magestade, propria a perpetuar um facto de que se anteviam tão risonhas e magnificas consequencias.

Gaspar Corrêa, após uma larga resenha das mercês concedidas por D. Manuel ao Gama e aos seus ousados companheiros, mercês que se tiraram do producto d'essa primeira viagem, exprime-se d'este modo: «El-rey com muytos contentamentos, dando a Nosso Senhor muytos louvores por lhe fazer tamanha mercê no começo do seu reinado, mandou logo pelo bispo de Granada offerenda a Nossa Senhora da Agua de Lupe, que foi com D. Vasco a offerecer o collar que dera el-rey de Cananor, com alguns pannos ricos, etc., e *assi deu ao mosteiro de Belem grossa offerenda*. E a outras casas santas e mosteyros de beatas, que todos dessem muytos louvores a Nosso Senhor pela tamanha mercê, etc.» [1]

Logo mais além, fallando o mesmo auctor dos preparativos para a viagem de Pedro Alvares Cabral e descrevendo as condições com que se tratou do alistamento da tripulação dos navios, condições que se expuzeram na porta da Casa de Mina, e que já tinham

[1] *Lendas da India* — vol. I, pag. 143.

caracter de permanentes para as armadas que seguidamente se equipassem, diz que: «o capitão-mór haveria por viagem dez mil cruzados e quinhentos quintaes de pimenta comprados com o seu ordenado, ao preço que el-rey a comprasse, e dez caixas forras, de que não pagaria direitos senão *os dizimos a Deus para o mosteiro de Nossa Senhora de Belem.*» [1]

A toda a mais gente da equipagem se concedia o direito, cada um consoante a sua graduação, de comprar pimenta na India para a vender depois, mas a todos se estendia o encargo do sobredito *dizimo,* para o mesmo fim.

De maneira que não só foram applicadas á construcção algumas sommas das primeiras riquezas trazidas por Vasco da Gama, mas até se fez logo uma estipulação dos rendimentos com que ella devia proseguir.

A esquadra de Pedro Alvares Cabral sahiu do Tejo a 9 de março de 1500. Data pois d'esse anno, ou ainda talvez do antecedente, a consignação dos primeiros redditos, com caracter definitivo, para o monumento de Belem.

Foram depois muito augmentados, como se vê do testamento de D. Manuel, em que este diz: «tenho dado em minha vida a Nossa Senhora de Belem a vintena do dinheiro das partes da Mina, e a vintena das mercadorias e coisas das partes da India e não

[1] Obra citada — vol. I, pag. 143.

do meu, segundo é declarado em sua doação, encommendo que lhe não seja tirada até se acabar pela dita renda a Caza na fórma em que a tenho ordenado e mandado fazer.»

O logar assentado para a construcção foi, como era natural, a praia do Restello, aquella de que partira Vasco da Gama para a grande empreza do descobrimento do caminho maritimo da India.

Existia ali, sob a invocação de Nossa Senhora de Belem, uma egreja e construcções annexas, que o infante D. Henrique fizera edificar e doára á ordem de Christo, a sua poderosa e efficaz auxiliadora nos famosos emprehendimentos maritimos que illustraram e immortalisaram o nome do ínclito filho do Mestre de Aviz.

Nessa capella ouviram missa Vasco da Gama e seus intrepidos companheiros no dia da partida para a aventurosa viagem que lhes patenteou as plagas indianas.

O local estava pois intimamente ligado ao assombroso feito, cuja memoria se queria perpetuar na pedra.

Parece que esse logar do rio era muito azado para ancoradouro, e que de preferencia o escolhiam os nautas para fazerem o carregamento dos seus barcos.

Transformado, como está ao presente, impossivel se torna fazer uma idéa, senão muito hypothetica, da fórma que tinha então; é fóra de duvida, porém,

que nesse ponto da praia devia existir uma profunda reintrancia, e basta, para provar esta affirmação, saber-se que a torre de Belem, hoje na terra firme, foi construida no meio da agua, e que entre ella e a terra passavam navios, como se vê em estampas da velha Lisboa.

O ancoradouro seria pois a bahia que se formava ali, ao fundo da qual se levantou a ermida do Restello, e depois o sumptuoso monumento.

Algum tempo antes havia D. Manuel feito doação da referida ermida, casas de habitação, pomares e todos os mais pertences, á ordem de S. Jeronymo, que nesse tempo ainda só tinha em Portugal os conventos de Penha Longa, em Cintra, e outro em Alemquer. [1]

A' ordem de Christo foi dada pelo monarcha rasoavel compensação com a posse d'um edificio na grande Judiaria, ou Villa Nova, para os lados da Ribeira Velha, edificio que fôra uma synagoga, e que foi convertido em egreja christã, com a invocação, parece-nos, de Nossa Senhora da Conceição.

A ermida do Restello foi doada aos frades jeronymos em 1498, como se vê do traslado d'essa doação, inserto nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

Nesse documento diz o real doador «que vendo

---

[1] Vidè *Mappa de Portugal*, J. B. de Castro, vol. II, pag. 110.

como o assento e sito de *Santa Maria de Belem*, que está uma legua a par d'esta nossa cidade de Lisboa, assy por ser na praya do mar e de cerqua da dita cidade, como por ser logar a que vem aportar e ancorar muitas náos e navios e gentes, assy de estrangeiros como de naturaes, he logar apto e pertencente para nelle se fazer um mosteiro e casa honesta em que possam estar religiosos que devotamente ministrem e façom o officio e culto divino e agazalhem os pobres estrangeiros confessando-os e dando-lhes os outros Sacramentos quando lhes mester fezerem, e por quanto nós ora ouvemos o dito logar de Belem da ordem de Christus... damos doamos e fazemos esmolla entre vivos valledora, doje para todo o sempre, ao provincial, frades e eremitas do Bemaventurado Sam Jeronimo, cujo devoto fomos, viventes sobre a regra de Santo Agostinho, e aos que depois d'elles vierem, que sob a dita regra viverem, do dito nosso logar de Belem, etc.» [1]

Pelo contexto de todo o documento, e principalmente pela passagem que trasladámos para aqui, se tiram duas conclusões que, embora não tenham alta importancia historica, não são todavia despidas de curiosidade, por aclararem um assumpto em que geralmente tem errado quasi todos os escriptores que a elle se referiram.

---

[1] T. II, pag. 255.

Primeira — que a denominação de Santa Maria de Belem já pertencia á egreja velha, e porventura seria essa a sua invocação, sendo Rastello ou Rastrello um nome generico [1]; segunda — que D. Manuel já tinha doado a ermida de Santa Maria de Belem aos frades jeronymos antes mesmo de pensar na construcção do magnifico monumento, pois nem sabia ainda, em 1498, qual seria o resultado da expedição do Gama.

Tira se ainda outra illação do documento, mas essa referida exclusivamente á ordem de Christo.

E' sabido que essa ordem era simultaneamente militar e religiosa, tendo no seu instituto, a par dos deveres concernentes á guerra, outros de feição puramente sacerdotal.

Fica porém demonstrado, visto que o pretexto invocado por D. Manuel, para entregar a ermida aos religiosos jeronymos, foi exclusivamente a necessidade de manter naquella praia quem ministrasse sacramentos aos mareantes ali aportados, que os freires de Christo, com o decorrer do tempo, inteiramente haviam abandonado os cuidados da religião, e que mais os preoccupavam as aventuras nauticas,

---

[1] *Rastrello* é o nome que se encontra nos documentos da época; transformou-se depois em Rastello, e finalmente no actual Restello, onde o *a* da primeira syllaba foi substituido sem razão plausivel, por um *e*.

e, quem sabe, os interesses commerciaes, que os serviços divinos — a armadura de guerreiros substituira absolutamente os habitos sacerdotaes.

A religião do interesse ia já tendo nessa época subida cotação no mercado da vida.

O convento da Penha Longa, em Cintra, fôra fundado por D. João I, e nelle existiram sempre frades, mas poucos, até que D. Manuel os transportou para Belem.

O convento tornou-se propriedade da corôa, e diz-se que D. Manuel o frequentava bastante, principalmente depois que a demora em chegarem as náos de Vasco da Gama o preoccupava vivamente.

Das eminencias da serra interrogava anciosamente D. Manuel a immensidade oceanica, que se lhe estendia em frente, como a pedir-lhe uma noticia, uma esperança d'essa expedição aventurosa.

E em Cintra o colheu effectivamente a noticia da chegada á Terceira da esquadra do Gama. Trouxe-lh'a, segundo affirma Gaspar Corrêa, [1] um tal Arthur Rodrigues, que naquella ilha vira surgir as náos vindas da India, e que se antecipára a vir no seu caravellão trazer tão grata nova a el rei.

Tambem foi nesse retiro de Penha Longa ou Pera Longa, como apparece nos antigos documentos, que D. Manuel fez o seu testamento.

---

[1] Obra citada — t. I, pag. 138.

*
* *

Tres auctores hão principalmente tratado, com algum desenvolvimento d'esta famosa construcção — o abbade Castro e Souza num folheto publicado em 1837 [1], Ribeiro Guimarães no seu *Summario de Varia Historia* [2] e Varnhagen, que descreveu o monumento em artigos publicados no volume do *Panorama,* respectivo ao anno de 1842, artigos que depois foram condensados num folheto sahido a lume no mesmo anno.

Em muitas outras obras se encontram referencias aos Jeronymos, mais ou menos desenvolvidas, que citaremos no decorrer d'este nosso trabalho, mas todas ellas tem pequeno valor em comparação da largueza com que os auctores indicados se occuparam do assumpto.

Sendo nosso proposito apurar simplesmente o que sobre este monumento se tem escripto, reproduzir as differentes opiniões e formar com ellas um conjuncto que, tanto quanto possivel, reconstrua a historia da sua fundação, serão aquelles livros o principal fundamento d'esta monographia.

Cotejando-os com escrupulo, comparando as as-

---

[1] Tem por titulo — *Descripção do Real Mosteiro de Belem.*
[2] No vol. III, pag. 3.

serções differentes que produzem, e, emfim, passando tudo pelo cadinho do nosso criterio, que a longa pratica de vêr e admirar esta maravilha, dentro da qual passamos uma parte da nossa vida, necessariamente terá esclarecido, esperamos fazer uma obra a que a sinceridade e o rigor contrabalancem o merito litterario que não temos.

E' indubitavel, vistas as referencias, já citadas, das *Lendas* de Gaspar Corrêa, que os primeiros trabalhos para o mosteiro se começaram ainda em 1499. O abbade de Castro affirma que a primeira pedra para a construcção fôra solemnemente lançada no dia de Reis de 1500, e que D. Manuel procedera a essa cerimonia por sua propria mão.

Não nos dá o auctor documento algum que certifique a sua affirmativa, justifica-a, porém, com uma razão que não deixa de ser acceitavel — é o facto de ter sido collocada sobre a porta virada para o sul, a mais importante e apparatosa, embora lateral ou travessa, uma imagem de Nossa Senhora dos Reis.

Ribeiro Guimarães corrobora essa opinião e é bem natural que fosse tal dia o escolhido para a solemnidade, resultando d'ahi a existencia d'essa imagem encimando e honrando a magestosa entrada do templo.

Deve porém notar-se que sobre a porta principal, que deita para oeste, existe um bellissimo relevo

representando o Natal de Christo, e, se fossemos a argumentar por indicios, poderiamos attribuir a existencia d'esse relevo ao facto de ter sido o dia de Natal de 1499 o escolhido para lançamento da pedra fundamental do mosteiro.

Outra data encontrámos ainda no bello artigo com que Mendes Leal acompanha a gravura dos Jeronymos nos *Monumentos de Portugal*. Essa data é a de 21 de abril de 1500, mas não produz argumento algum de valor que faça preferir esse dia a outro qualquer.

Fosse qual fosse, porém, o dia assignado para o principio da obra, é innegavel ter começado a construcção, ou, pelo menos, os preparativos para ella, ainda em 1499.

Mesmo que fosse o dia 21 de abril o da inauguração dos trabalhos, antes d'elle se devia ter feito o plano geral, e por força alguns desenhos dos pormenores, e, para que tudo estivesse prompto nesse momento, indispensavel se tornava ter principiado o projecto ainda no anno antecedente.

Portanto, a fundação dos Jeronymos póde, sem receio, attribuir-se ao anno da chegada a Lisboa de Vasco da Gama, isto é, a 1499.

Quem foi porém o primeiro architecto de tão grandioso mosteiro.

O abbade de Castro apresenta como tal um artista italiano de nome Potassi. Diz elle que: «Tinha

el-rei alguma sciencia de architectura, consulta os peritos na arte, visita com alguns d'elles os templos de Lisboa, notando as perfeições e as faltas que nelles se descobrissem, para se imitarem umas e e para se fugir d'outras; apresentam-se e cotejam-se varias plantas, porém entre todas ellas mereceu ter preferencia no seu agrado a do celebre architecto João Potassi, italiano de nação, que se achava em Portugal.» [1]

Esta opinião, tem por si, uma referencia que se encontra numa memoria enviada pela communidade dos Jeronymos a el-rei D. Manuel, por causa d'uma pretensão relativa ás arcadas do dormitorio. Nella se diz, effectivamente, ter sido um tal *Putacha* (já é differente) que delineou e iniciou a obra do mosteiro, dirigindo-a durante alguns annos.

Varnhagen, no seu opusculo citado, attribuia o risco primitivo a João de Castilho, celebre architecto da mesma época, a quem se devem obras importantes como a egreja do Convento de Christo, de Thomar, capellas imperfeitas, da Batalha, e que tambem, por alguns annos, trabalhou nos Jeronymos; mas logo se desmentiu em artigo publicado pouco depois no *Panorama*. [2]

Não ha a menor duvida de que foi um insigne ar-

---

[1] Obra citada, pag. 9.
[2] Vol. II da 2.ª serie, pag. 386.

tista, chamado Boytac, o constructor d'aquella inestimavel joia architectonica. As divergencias motivavam-nas as alterações soffridas no decorrer do tempo, pelo nome do auctor, que nos apparece sob as fórmas de Potassi, Putacha, Boytaqua, Boutaca, e finalmente Boytac, que julgamos ser a verdadeira, ou a melhor fórma.

Fôra este mesmo artista que affirmam ser francez, quem delineára a fabrica do convento de Jesus de Setubal, em tempos de D. João II, alcançando assim nomeada sufficiente para D. Manuel lhe confiar a construcção do mosteiro com que queria perpetuar o grande feito nautico.

Ora a verdade é que o facto de D. João II ter chamado de fóra aquelle architecto, como diz uma chronica do referido convento de Setubal, não constitue uma prova de que elle não fosse portuguez.

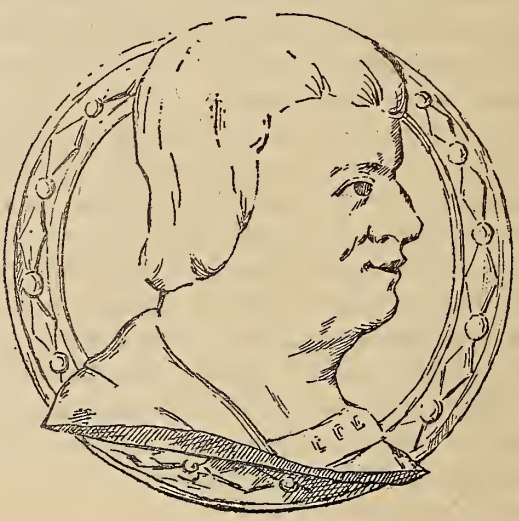
E' caso averiguado que durante o tempo d'esse monarcha, e ainda no reinado seguinte, muitos artistas portuguezes se foram aperfeiçoar ao estrangeiro, principalmente a Paris e Roma, subsidiados pelo estado ou pelo bolsinho dos soberanos. Citaremos por exemplo Gaspar Dias, pintor, a quem Varnhagen chama *artista viajante.*

Seria Boytac um d'esses?...

E' muito curioso, porém, que os dois auctores mais antigos que se referiram ao mosteiro —João de Barros, nas *Decadas,* e Damião de Goes, na *Chro-*

nica de D. Manuel, não digam uma palavra sequer, a respeito de quem fosse o auctor do grandioso mosteiro. Todavia não podiam deixar de o conhecer, ou pelo menos de ter noticia d'elle, porque os dois escriptores foram coevos da construcção. Ambos viram subir aquellas paredes, rendilhar aquellas cantarias, avultar as columnatas magnificas, cerrar, finalmente, as prodigiosas abobadas do templo.

Mas não proferem um louvor, uma referencia, ao menos, ao genial artista d'essa maravilha.



O architecto Boytac

Num e noutro apenas se encontram alguns periodos a respeito do mosteiro — uma pagina, o maximo — mas sem calor, sem enthusiasmo, quasi sem ligar importancia á obra, para só louvarem o monarcha, *Venturoso,* que a mandou construir.

Foi esquecimento? Foi desfavor para com o artista? Mysterios insondaveis.

Sabe-se que existiram duas chronicas manuscriptas do mosteiro, provavelmente eguaes, mas ambas se julgam perdidas.

Uma d'ellas, attribuida a Fr. Thomaz do Espirito Santo, religioso do tempo de D. João III, estava na livraria do conde de Vimioso, mas foi destruida, como tantas outras preciosidades, pelo terramoto de 1755.

A outra durou até muito mais tarde, porque se affirma que ainda existia no cartorio do convento em 1837, época em que a melhor parte dos livros foi removida para a bibliotheca publica de Lisboa.

Esse manuscripto, assim como muitas outras obras raras, desencaminhou-se por essa occasião, segundo affirmam.

A falta de qualquer escripto da época, referido exclusivamente ao mosteiro, não permitte que se saiba qual foi a traça inicial da obra. Vê-se claramente, pelo que existe, que o risco foi bastante alterado, mas não é facil conjecturar de maneira definitiva como seria o pensamento do architecto.

Adiante indicaremos as alterações mais visiveis.

A longa duração d'essa obra as justifica bem. Foram diversos os architectos que trabalharam nella e é bem natural que os posteriores a Boytac, que por pouco tempo a dirigiu, não quizessem ou não pudessem seguir o risco dado por este á construcção.

Buscas minuciosas no Archivo Nacional, feitas por Varnaghen, alguma coisa elucidaram apenas sobre a marcha da obra. O diligente investigador achou documentos que «explicam como era feita a administração dos trabalhos; e notavel é a identidade d'esta com a que se seguia no mosteiro da Batalha. — Havia uma especie de junta, conselho ou meza dos contos, composta de um provedor, um almoxarife e um escrivão; os quaes tinham cada qual uma das tres chaves do cofre. Este ultimo logar foi muito tempo servido por um João Leitão; no segundo esteve algum tempo Diogo Rodrigues, e no primeiro um Gonçalo Alvares. Apparece tambem depois por védor das obras Ruy Fernandes. Semanalmente orçava a importancia total da feria entre nove e quatorze mil réis, o que não admirará a quem souber que o maior jornal pago era o de mestre Boytac, que vencia por dia 100 réis, e que os outros mestres e officiaes apenas recebiam 60, 50 e 40 réis, emquanto se seguiu o systema dos jornaes, que não continuou por muito tempo, sendo preferido o das empreitadas, talvez pelas vantagens da economia e da maior rapidez no trabalho.

«A 2 de janeiro de 1517 começaram todos os empreiteiros a servir segundo um regimento dado por el-rei, e João de Castilho ajustára-se por — «*mestre e empreiteiro da crasta primeira e capitolo e sãcristia e portalle da travessa*» — obrigando-se a trazer cem officiaes effectivos, recebendo por isso mensalmente 140$000 réis, o que bem equivale á paga de 50 réis diarios a cada official. Havia alem de Castilho outros empreiteiros, que egualmente se obrigavam a trazer effectivos certo numero de operarios; assim acontecia a mestre Nicolau com a porta principal, e a Filippe Henriques com a crasta.

«Domingos Guerra, João Gonçalves e Rodrigo Affonso eram empreiteiros de varias capellas, sendo o primeiro de cinco do côro e cada um dos dois de tres outras, talvez no cruzeiro ou capella-mór.

«Leonardo Vaz tinha por sua conta o refeitorio, Fernando Fermoso era aparelhador da sacristia, Francisco de Benavente da crasta primeira e pilares, e Rodrigo de Pontezylha do portal do capitulo e da egreja, etc., etc.» [1]

Tambem no mesmo Archivo Nacional existe uma chronica manuscripta, assignada por fr. Manuel Baptista de Castro que historia com muita minuciosidade tudo nelle succedido a partir do seculo XVII, mas com pequenas referencias ao principio da construcção.

---

[1] *Panorama*, vol. II da 2.ª serie, pag. 386.

Em 1899 publicou o sr. Martinho da Fonseca uma chronica, por elle encontrada em manuscripto num alfarrabista, em que fr. Jacintho de S. Miguel descreve o mosteiro, dando noticias muito curiosas d'elle, mas tambem referidas ao seculo XVIII, e com singela indicação da seu inicio.

Talvez seja este o manuscripto desapparecido em 1837.

E' todavia evidente, que esse portentoso gosto architectonico foi importado do extrangeiro. Acclimado e modificado em nosso meio, deu-nos os Jeronymos, ergueu-se magestoso nas capellas imperfeitas da Batalha, impoz-se ao nosso pasmo nos rendilhados portentosos da egreja do convento de Christo de Thomar, e, irradiando pelo paiz, accentuando-se em muitos outros monumentos, tomou a designação generica de *estylo manuelino* e um caracter privativamente portuguez, perfeitamente definido na escolha dos ornatos e preferencia no emprego de detalhes que lembrassem a faina maritima, preoccupação naturalissima num paiz de navegadores.

Em Hespanha, com a designação de *plateresco,* se encontram construcções, dessa época e anteriores, em que alguns dos motivos ornamentaes são muito similhantes aos do nosso manuelino.

A arte das construcções, embora adiantadissima já nos meados do seculo XV, graças aos trabalhos

da celebre associação dos mestres pedreiros, soffrera todavia, por esse tempo, grandissima transformação.

O famoso estylo gothico, que tão espalhado fôra no mundo pelos numerosos e sublimes artistas da grande *maçonaria* dos constructores, estava proximo do seu termo.

Assignalado em quasi todas as grandes cidades do mundo por magnificos templos, esse estylo tivera um reinado brilhante, e nelle se filiam a maior parte das joias architectonicas que nos legou a edade-media.

As cathedraes de Colonia e de Strasburgo, Nossa Senhora de Paris e Westminster, e tantas outras, foram producto do trabalho da celebre associação.

Em Portugal tambem temos a Batalha, e tivemos o Carmo, (de que hoje só nos restam as ruinas) como valiosa amostra do estylo gothico.

Mas tudo acaba. Um mundo de grandezas e primores, surgindo da Italia, e aquecido pelo sol meridional d'esse portentoso paiz, vinha conglobar, num conjuncto esplendido e fulgurante, todas as tradicções accordadas das grandes civilisações grega e romana, com as scintillações d'uma concepção riquissima e enthusiastica.

Esse conjuncto de bellezas artisticas que se levantava pujante e bello, que irradiava por todo o mundo, que assombrava o presente e amesquinhava todo o passado — era a Resnascença.

Nascida d'uma elaboração artistica em que o realismo começava já a despontar; patenteada por artistas do vulto de Pedro Perugino, Raphael Sanzio, Peruggi e de Miguel Angelo; vivificada pelo clima dulcissimo da Italia, e fortalecida pela protecção e pelo enthusiasmo de papas e de principes, a Renascença vinha dar ao mundo as leis do bello, assignalar á esthetica os moldes da propria belleza.

Diante d'ella tudo se curvava: — a poesia como a architectura, a cinzelagem como a musica, a pintura como a historia, tudo ia submetter-se ás normas que a idéa nova lhe dictava.

A *ogiva*, o caracteristico do estylo gothico, ia ceder passo ao *sarapanel*, e a architectura perpendicular, finda a sua carreira, abria logar aos brincados lavores e ás curvas graciosas do estylo *renascido*.

A Italia ardente vencia a fleugmatica e fria Germania.

Foi exactamente no periodo agudo da lucta entre os dois gostos architectonicos que D. Manuel fez erguer o grandioso mosteiro.

Que admira pois que o monarcha fosse procurar na Italia, berço dos artistas mais afamados do tempo e fóco d'onde irradiava essa luz brilhantissima da Renascença, o architecto do seu monumento ou pelo menos a traça da sua construcção?

O proprio mosteiro é documento flagrante da

transição architectonica que se estava operando. Nelle se vê claramente o contraste entre dois estylos que se debatem: — a *ogiva* que ainda se deixa vêr por aquellas arcadas, mas já receosa e alheada do conjuncto, e a Renascença que irrompe victoriosa e folgazã, desenvolvendo-se em phantasiosos brincados por todas aquellas columnas e pilastras.

Todo o monumento accusa um concerto gracioso entre o estylo gothico e o italiano, ou melhor ainda como lhe chamou Alexandre Herculano, a «resistencia do estylo gothico ao estylo de Francisco I.»

II

Local e orientação da egreja — O exterior do templo—O interior—As naves e respectivas columnas—O cruzeiro—A capella-mór—Differença da sua architectura—Transformações que soffreu—Trasladação de D. Manuel—Sepultura primitiva — Os tumulos da capella-mór—O sacrario—Os cadaveres de D. Affonso VI e suas irmãs — As capellas do cruzeiro— Tumulos que encerram — D. Sebastião—Os restos de Camões e Vasco da Gama—O S. Jeronymo—O côro do cruzeiro—A sacristia—A riqueza dos paramentos — A celebre custodia — As capellas debaixo do côro—João de Deus—Os primores artisticos do côro—Os orgãos—Effeitos do terramoto de 1755.

A egreja foi construida na contiguidade da pequena ermida do Restello, e, por conseguinte, á beira-mar.

Porém, como a praxe da época, seguida rigorosamente na construcção de todos os templos, era orienta-los na linha oeste-leste, deixando a capella-mór para nascente, resultou que a porta lateral, que voltava para a historica praia, foi a que ficou mais ornamentada e magestosa, visto que a principal, não estando nem ao menos virada para Lisboa, tinha de ser a menos accessivel e menos vista.

Tão perto ficou o templo do mar, que nas aguas vivas, conforme diz Siguença, [1] a maré vinha beijar-lhe as paredes.

Até quasi nossos dias se conservou assim, porque o aterro que actualmente se alarga em frente do edificio, foi começado ao tempo dos ultimos trabalhos de restauração em 1859.

A representação graphica mais antiga que se conhece do mosteiro, é um quadro existente no muzeu de pintura de Haya, que deve ser do seculo XVI.

Colmenar, na sua obra *Delices de Espagne e du Portugal,* tambem faz acompanhar a descripção do mosteiro com uma estampa que pouco differe da do quadro referido, não obstante ser do seculo XVIII a obra do illustre viajante.

A grandeza da egreja, a vastidão de suas abobadas, a massa enorme de cantaria que foi preciso desbastar, cincelar e fazer subir para aquella enorme construcção, não deixaram proseguir a obra com a rapidez que o seu fundador desejaria.

Não faltava para ella o mais principal dos elementos — o dinheiro — que as riquezas que ao Tejo traziam cada anno as náos da India davam da sua vintena cabedal de sobejo para obra. Mas escasseavam os apparelhos que o progresso tem inventado, por

---

[1] *Historia de la Orden de San Jeronimo*, t. II, pag. 87.

meio dos quaes se realisam hoje, quasi por encanto, os mais extraordinarios trabalhos de engenharia.

Por isso os annos iam passando antes que a obra chegasse a seu termo.

Quando falleceu D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1521, nem a egreja estava acabada.

Parece que faltavam a capella-mór e as capellas do cruzeiro, duas alas do claustro, e concluir o dormitorio.

Este ultimo tinha começado muito mais tarde, como se vê d'uma verba do testamento do monarcha.

Encommendava D. Manuel que se não tirasse o rendimento que estipulara para a construcção (o da vintena) «athe se acabar pela dita renda a *Casa* na fórma em que a tenho ordenado e mandado fazer, e que responda toda a obra com a que *está começada* do dormitorio, o qual mando fazer para cem frades.»

Este dormitorio é a edificação que se alonga para oeste do templo.

Devia ter sido alterado o plano primitivo porque só ficou com setenta cellas e não as cem pedidas pelo testador.

Construiu-se separado do templo, ligaram-no depois a elle por corpo intermedio, de que em seu logar se tratará, e actualmente está desligado, pela suppressão d'esse corpo.

A demora no acabamento do edificio dá certos fóros de verdade á tradição de que a abobada do

cruzeiro veiu a terra quando da primeira vez lhe tiraram os simples.

O padre Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*, affirma ter-se dado a derrocada, e diz que o temor que tal succedesse levara o monarcha a chamar por esse arriscado trabalho alguns condemnados á morte que nas prisões estiveram detidos até esse momento, e que «da primeira vez veiu o cruzeiro a terra e pagaram a pena que mereciam, porém outros mais felizes entraram depois no mesmo risco, escapando d'elle ficaram soltos e livres.» [1]

E' tão natural uma derrocada numa obra grandiosa, que não será difficil acreditar a affirmação do padre Santa Maria, e tanto mais que o terreno em que foi edificado o mosteiro, pouco solido pela proximidade do mar, ainda mais se presta a confirmal-o.

No proprio mosteiro tivemos um exemplo recente, a provar a possibilidade de tal facto.

Tambem corre a tradição de que a lenha das cambotas fôra dada aos condemnados que descimbraram a aboboda, os quaes fizeram casas com ella nas proximidades do convento, vindo d'esse facto a chamar-se Arcolena ao bairro construido, nome derivado dos arcos de lenha (Arco-lena) de que foram fabricadas as casas. Não se justifica similhante tradição.

---

[1] *Anno Historico*, t. III, pag. 486.

Aspecto do templo na actualidade

*

* *

As obras do mosteiro continuaram durante os reinados de D. João III, de D. Sebastião e de D. Henrique e só no tempo do primeiro Filippe acabou o claustro superior.

No tecto d'esse claustro, da parte norte, existe um escudete com a data de 1594, certamente aquella em essa parte da construcção se concluiu.

A egreja tem a forma de cruz, perfeitamente visivel de fóra, mas o extremo, que constitue a capella-mór attrahe-nos logo a attenção pelo contraste da sua simplicidade com o resto do edificio. Segue o braço meridional da cruz, e depois o corpo da egreja.

Tanto o cruzeiro como o corpo das naves são partidos a meio por uma larga facha de arabescos, e coroados por uma cimalha elegante, tendo a espaços caprichosas gargulas.

Mas nada d'isto se vê na capella-mór, cujas paredes nuas vão rematar numa balaustrada simples e banal.

A meio do corpo da egreja rasga-se a magestosa entrada do templo.

Dentro do espaço comprehendido por um arco de volta perfeita cavam-se dois arcos muito abatidos, e, da pilastra que os separa, se destaca uma peanha que sustenta a estatua do infante D. Henrique, o immortal iniciador dos descobrimentos portuguezes.

O aloirado das cantarias, produzido pela acção do tempo, serve até de maior realce das esculpturas.

Tornejando as hombreiras, e na altura da referida estatua, estão os doze apostolos de aprimorada execução.

Todas estas figuras são cobertas por formosos baldaquinos.

No tympano, formado entre a arcada grande da porta e os dois arcos menores, existem baixos relevos representado S. Jeronymo como cardeal e como asceta, e por cima estão as armas reaes com os floreados com que as usava D. Manuel.

Superior ao arco maior está uma N. S. dos Reis que é o orago da egreja.

Abre-se pela rectaguarda da imagem uma janella cujas hombreiras tambem são profusamente ornamentadas e semeadas de muitos nichos onde figuram imagens de santos.

A ornamentação da janella vae terminar no alto do edificio, onde remata com uma imagem do archanjo S. Miguel que já fica ao nivel da platibanda.

Augmenta muito o espaço para o embellezamento d'esta portada, não só a reintrancia que ella faz na grossura da parede, mas principalmente a existencia de dois botareus que de cada lado a acompanham, nos quaes se accumulam os ornatos, que lhe dão infinita magestade.

Esses botareus vão até ao alto do edificio.

Não existe em Portugal nada similhante, e mesmo para o estrangeiro essa porta é digna de attenção e muitas vezes tem sido louvada.

De cada lado da porta se rasgam elegantes frestões, altos e estreitos, egualmente ornamentados pelas brincadas cinzelagens que são o relevo e singular caracteristico do estylo do monumento.

Segue-se ainda, para a parte do poente, um botareo, mas este liso, e logo duas janellas sobrepostas, quasi da largura dos frestões já indicados, e abrangendo ambas a altura de cada um d'elles.

Depois salienta-se um pouco o edificio, como que formando um corpo á parte. Corresponde ao côro e é base da torre.

A impressão que nos causa a belleza da magnifica porta e a magestade do edificio, é singularmente sobreexcedida quando, transposta a entrada, nos achamos sob as gigantescas abobadas d'aquella soberba fabrica. O tamanho enorme do templo, a elegancia das columnas que sustentam a primorosa construcção, tudo impõe respeito e infunde pasmo.

A egreja é de tres naves.

As quatro columnas centraes, delgadas e esveltas, similham os mastros d'um navio: — mas é que toda aquella architectura, destinada á consagração dos grandes emprehendimentos nauticos dos portuguezes, parece, pela sua fórma geral, querer recordar as alterosas náos, com que Portugal assoberbou o Oriente e assombrou o mundo inteiro.

A cada passo nos deparam os afestoados de toda aquella caprichosa ornamentação como que uma reminiscencia nautica.

As duas primeiras columnas, ao fundo do templo, servem primeiramente de supporte do côro, e, atravessando este, vão-se até ao tecto servir-lhe de sustentaculo.

As ultimas, do lado superior, aguentam a espaçosa abobada do cruzeiro, e por isso tem maior grossura, sem deixarem de ser elegantes.

Todas ellas são miudamente lavradas, perdendo-se a vista com a diversidade de motivos, sempre diferentes e imprevistos, que as cobrem.

Figuras humanas e fabulosas, monstros, aves, insectos, folhagens, tudo ali se vê, e tudo entrelaçado numa harmonia surprehendente que resulta da mesma desharmonia e dissimilhança do conjuncto.

O padre Manuel Bernardes chamou-lhe a—*egualdade da desegualdade* — paradoxo gracioso que perfeitamente se applica ao magestoso monumento.

Nas columnas ha muitos nichos, cavados a differentes alturas, mas todos estão deshabitados.

O architecto francez, barão de Taylor, que veiu a Portugal, em digressão artistica, no anno de 1836, achou tão extraordinariamente formosas aquellas columnas, que lhes mandou tirar moldes de gesso, para levar para o seu paiz.

Na base d'uma das columnas do cruzeiro existe um medalhão com um busto que dizem representar o insigne architecto Boytac.

Na parede opposta á da entrada abrem-se doze portinhas que eram os confessionarios.

Duas d'estas não se vêem, por ficarem occultas debaixo do côro.

Esses confessionarios eram uns pequenos compartimentos para os quaes havia outra entrada pelo lado do claustro. Dividia-os ao meio uma grade de bronze que separava o confessor do penitente.

Sobre a quinta d'essas portinhas, contando da capella-mór, ha o seguinte letreiro esculpido num ornato simulando fita:

DEVS QVARITAS EST SS ET QVI
MANET S IN QVARITA

Que significará, pouco mais ou menos, *Deus é caridade e assim aquelle que permanece na caridade.*

Do corpo da egreja sobem-se dois degraus para

o cruzeiro. E' este coberto por uma abobada, que pela sua altura e pela fórma abatida da sua construcção, chega a parecer maravilha como possa sustentar-se.

Tanto no corpo da egreja, como no cruzeiro, a abobada é artezoada, formando suas nervuras caprichosas uma infinidade de figuras geometricas, que, vistas debaixo, similham as rugosidades d'uma folha descommunal.

Em graciosos feixes vão todas essas nervuras terminar no alto das columnas e nas misulas que lhes correspondem nas paredes.

Os multiplos fechos da abobada, pontos de encontro dos numerosos artezões que se cruzam variadamente, salientam-se um tanto, e são lavrados de mil fórmas differentes.

Representam espheras, cruzes de Christo, rostos humanos, cabeças de animaes, corôas, simples florões, uma variedade infinita. Mas os do cruzeiro estão cobertos por largas chapas de metal, pintadas, cuja pintura, todavia, mal se percebe ao presente.

Nos tres principaes distinguem-se, no do meio as armas reaes, e nos dos lados, os attributos de D. Manuel — a esphera e a cruz de Christo — e os de S. Jeronymo — o leão, o livro e o chapeu cardinalicio.

A esphera e a cruz de Christo são symbolos que a todo o instante se repetem nos lavores do monumento.

Em nossa frente está a capella-mór.

Esta peça é muito pequena em comparação do templo, e, como no exterior, a sua architectura é totalmente diversa da do resto do edificio.

O estylo brincado que até esse momento nos vinha encantando os olhos é substituido ali pela correcção aprumada e severa da mais genuina architectura classica:—duas séries de columnas lisas, com suas bases e capiteis jonicos, na inferior, e corinthios na superior, abobada apainelada de volta perfeita, e os entablamentos das mesmas ordens correndo em torno, na uniformidade pautada da linha recta.

Eis a historia d'esta capella:

Vimos que D. Manuel deixára por fazer aquella parte do templo, mas as obras continuaram sem interrupção e fez-se uma capella-mór, no mesmo estylo do mosteiro, que provavelmente foi construida por Castilho.

Ha mesmo noticia, um tanto vaga, de existir num rico manuscripto, pertencente a uma das casas nobres do paiz, uma illuminura que representa essa capella.

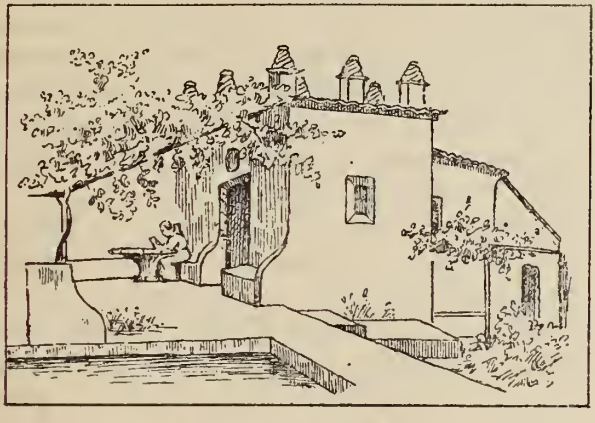
Porém, como ficasse pequena, mandou D. João III apeal-a, fazendo ou começando outra em seu logar.

D. Manuel fôra entretanto sepultado na velha ermida do Restello.

Numa das noticias da sua trasladação se encontra

a prova bem clara da nossa affirmativa. Diz assim: — «A egreja do mosteiro de Belem, ainda que de todo não era acabada, todavia já alguns annos havia que estava de maneira que ora estava, quando el-rei nosso senhor fez esta trasladação: pelo que pudera ter já satisfeito esta obrigação se o não detivera a mudança que quiz fazer na capella-mór, para que ficasse maior e mais alta.» [1]

Devia ter sido delineada por um architecto de nome Torralva, que nessa época dirigia os trabalhos do mosteiro.



Capella do Santo Christo, na Cerca

[1] *Historia Genealogica*, *Provas*, vol. II, pag. 250.

*
* *

Já sabemos que D. Manuel estava enterrado, com a maior parte dos seus filhos e netos, na ermida do Restello. Mas sua segunda mulher, D. Maria, estava no convento da Madre de Deus, e o cardeal D. Affonso, tambem seu filho, jazia na Sé de Lisboa.

No dia 21 d'outubro, de 1551, ordenou D. João III a remoção de todos esses restos para o mosteiro, ceremonia que se realisou com toda a solemnidade.

No sahimento que levou para Belem as ossadas de D. Maria e do cardeal D. Affonso se incorporou toda a nobreza e altos dignitarios ecclesiasticos, e tão avultado numero de frades que, diz a noticia já referida, passavam de setecentos.

Conforme a expressa determinação de D. Manuel, os seus restos, e os de sua mulher, foram levados da pequena ermida para o sumptuoso templo e ali mettidos numa cova aberta no meio da capella-mór. Lá dizia o testamento: — *e que se me não faça outra sepultura senão uma campa chã, que se possa andar por cima d'ella.*

Os restos dos principes e infantes foram inhumados em differentes altares.

Só alguns annos depois, como se vê do seu testamento, é que D. Catharina, já então viuva de D. João III, fez concluir ou refazer a capella-mór que hoje existe e esculpir os quatro bellos tumulos que a ladeiam.

Em documento archivado na Torre do Tombo se encontra que D. Catharina, em 7 de março de 1571, mandou pagar 54:000 reaes a Jeronymo de Ruão, «*mestre das obras da capella-mór do mosteiro de Belem, que ora mando fazer á custa da minha fazenda.*» [1]

Foi preciso mais de meio seculo para, depois de varias transformações, se concluir definitivamente a mal aventurada capella, que tão má figura, diga-se de passagem, ali está fazendo, apesar a extrema correcção da sua structura e belleza dos marmores de Estremoz em que a talharam.

Pensou-se ultimamente em modifica-la, adaptando-a ao estylo manuelino, mas estamos certos de que tal se não fará.

Aquella differença architectonica é nuncia do tempo em que foi erguida e nenhuma conveniencia se tiraria agora da sua reconstrucção.

Deixemos lá a capella-mór, de estylo classico, contrastando, pela sua disparidade, com os floreados

---

[1] Citado pelo sr. Martinho da Fonseca nas notas do livro a que já nos referimos.

subtis do monumento. Marca uma época, é uma pagina do grande livro do tempo que foi voltada posteriormente.

Os tumulos encerram as cinzas dos reis D. Manuel e D. João III, e de suas esposas, D. Maria e D. Catharina.

Na face de cada tumulo ha uma inscripção em latim que transcrevemos, juntando-lhe a respectiva traducção.

No lado do evangelho, tumulo de D. Manuel:

Littore ab occiduo qui primi ad lumina solis,
Extendit cultum, notitianque Dei.
Tot Reges domiti cui submisere tiaras,
Conditur hoc tumulo Maximus Emmanuel.

Manuel o grande, que do Oriente até ao Occidente fez conhecer e servir a Deus o que venceu tantos reis e se enriqueceu com seus despojos, cabe neste tumulo.

D. Maria:

Maria Ferdinandi Catholici. Cast Regis F.
D. Emmanuelis Lusit. Regis P. F. invicti Conjux
mira in Deum pietate insignis, ac bene de
Repub. Semper merita H. S. E.

Maria, filha de Fernando o catholico, rei de Castella, e esposa de Manuel o invicto, rei de Portugal, está sepultada debaixo d'este marmore. Sua piedade foi exemplar, assim como o seu amor para com seus subditos.

No lado da epistola, tumulo de D. João III:

Pace Domi, belloque foris moderamine miro
Auxit Joannes Tertius imperium.
Divina excoluit Regno importavit Athenas,
Heic tandem situs est Rex Patriœque Parens.

Habil no tempo de paz, feliz em tempo de guerra João terceiro soube augmentar o imperio de seus avós Com os thesouros de Athenas enriqueceu os seus e, pae da patria, dorme neste logar.

D. Catharina:

Catharina Philippi I. Cast Reg. F. Joannes III. Lusit. Regis P. F. Invicti conjux, magni animi, pietatis eximiæ, prudentiæ singularis, et incomparabilis exemple Regina H. S. E.

Catharina, filha de Filippe, primeiro, rei de Castella, esposa de João III, rei de Portugal, admiravel pela sua grandeza, sua piedade, sua prudeneia, e pelos grandes exemplos que deu aos seus povos, aqui está sepultada.

Diz-se que foi um provincial do convento, chamado fr. Diogo Gomes, quem compoz os epitaphios.

Ha tambem na capella-mór um grande sacrario, d'alto valor historico e artistico, que não deve ficar sem menção.

E' de chaparia de prata e foi mandado fazer por

D. Affonso VI, para commemoração da victoria de Montes Claros. [1]

E' trabalho d'um ourives chamado João de Sousa.

Porém, como o infeliz monarcha já estivesse desthronado ao tempo de se acabar a obra, seu irmão D. Pedro II, fingindo-se o doador d'aquella preciosidade, mandou gravar na *porta cœli* um distico em que se dá como tal.

Singular predilecção tinha D. Pedro para se apropriar de tudo que pertencia a seu pobre irmão.

O cadaver de D. Affonso VI esteve durante muitos annos desrespeitosamente mettido num vão debaixo d'esse sacrario.

Egualmente ahi esteve o do filho primogenito de D. João IV, o principe D. Theodosio, que morreu adolescente. Ambos foram removidos para o pantheon da dynastia de Bragança, em S. Vicente. Mas ainda lá se encontram os restos das princezas D. Catharina, que foi casada com o rei de Inglaterra, Carlos II, e os de sua irmã D. Joanna.

Já era tempo de tambem remover para logar conveniente essas ossadas que para ali se encontram tão irreverentemente depostas.

Suppõe-se que D. Pedro mandou fazer um tumulo para seu infeliz irmão, mas não chegou a concluir-

---

[1] *Arte Portugueza*, Porto, n.º 2, artigo de Rodrigo V. d'Almeida.

se. Pelo menos existiu por muitos annos, debaixo do côro, o começo d'um mausoleu enorme que se diz ser o que devia recolher as cinzas do desditoso monarcha.

O retabulo do altar é guarnecido por cinco telas de grande merito, representando passos da Escriptura.

A varios auctores se attribuem estes quadros.

O que se sabe com certeza é que houve tres grandes pintores que trabalharam no monumento, e que ahi deixaram obras de subido valôr; mas não é facil destrinçar quaes são as télas que verdadeiramente pertencem a cada um d'elles.

Esses tres artistas foram: Lourenço Fernandes, Gaspar Dias e João Lopes. [1] Parece que são d'este ultimo os quadros referidos.

Ha de cada lado do cruzeiro uma capella de avultadas dimensões, onde tambem se encontram importantes memorias historicas. A da direita tem ao fundo um tumulo, similhante aos da capella-mór, onde repousam as verdadeiras ou pretendidas cinzas de D. Sebastião.

---

[1] A todos tres se referem documentos existentes na Torre do Tombo: Um alvará de 1534 manda entregar a Gaspar Dias 20$000 réis para as despeza das obras do mosteiro; outro, de 1511, manda entregar a Lourenço Fernandes 50 quintaes de pimenta para o mesmo fim; e finalmente uma especie de carta dos operarios de Belem, dirigida a João Lopes, em 1514, prova ter elle sido um dos pintores que trabalharam no mosteiro.

O proprio distico indica essa duvida. Attribue-se ao conde da Ericeira. [1]

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Libycis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui viveri credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.

Se podemos dar crédito á fama este tumulo conserva os restos de Sebastião, morto nas plagas africanas. Mas não digas que è falsa a opinião dos que acreditam que elle ainda é vivo porque a gloria lhe assegura a immortalidade.

Em sepulturas lateraes se encontram os filhos de D. João III.

Nesta capella se depositaram as urnas que continham as ossadas de Camões e do Gama, levadas solemnemente para ali em 1880, por occasião do centenario de Camões.

Um legado de Simão da Luz Soriano forneceu os meios para se lhes construir os dois formosos tumulos que adornam o centro d'essa capella.

Foram feitos pelo distincto esculptor Costa Motta.

Era da invocação de N. S. do Restello. Por muito tempo a obstruiu um presepio monstruoso que

[1] Do campo de batalha de Alcacer-Quibir foi levantado um cadaver que se julgou ser o de D. Sebastião, e foi enterrado no convento da Trindade de Ceuta. Filippe I, por motivos faceis de comprehender, removeu esse corpo para Belem, pouco depois da usurpação, e fe-lo sepultar num tumulo de madeira. D. Pedro II mandou construir o mausoleu em que actualmente se encontra, fazendo a trasladação á porta fechada.

era o gaudio da creançada do sitio, mas ha bastantes annos que foi destruido. [1]

A capella fronteira é egual.

Está ali o tumulo de D. Henrique, perfeitamente similhante aos dos outros monarchas. Aos lados estão os sepulcros dos filhos de D. Manuel.

O tumulo de D. Henrique parece que foi mandado fazer por elle mesmo; pelo menos é o que se deprehende do seu testamento, inserto nas *Provas*.

O epitaphio reza assim:

Hic jacet Henricus gemino diademante clarus,
Quod Patrio Sceptro purpura juncta fuit,
Conditur, et Regnum pariter cum Rege sepultum,
Ut foret imperii vitaque, morsque sui.

Aqui jaz Henrique, illustre por duas corôas, porque á purpura se reuniu o sceptro patrio. Está sepultado e o reino foi egualmente com elle sepultado; para que fosse tanto a vida como a morte do seu reino.

Mas os tumulos lateraes, bem como todos os que se encontram na capella do Restello, foram mandados construir, no seculo XVII, por D. Pedro II.

Em volta do cruzeiro ha seis capelinhas pouco fundas. Numa d'estas se encontra uma imagem de

---

[1] A tradição diz que a imagem de N. S do Restello, pertencente á ermida velha, fôra levada pelos freires de Christo para a sua egreja da Conceição, e que é uma figura bastante antiga que se encontra hoje na Conceição Velha. E' muito provavel.

S. Jeronymo que foi enviada a D. Manuel pelo papa Julio II.

Representa o santo doutor em extase perante um crucifixo que segura na mão esquerda.

A naturalidade da postura e a expressão da physionomia são extraordinarias. Parece que o santo vae fallar. [1]

A imagem é de porcellana.

As seis capellinhas estão dispostas: quatro aos lados da capella-mór e duas ladeando a da direita do cruzeiro. Tambem houve outras duas da esquerda, ou evangelho, mas transformaram-nas em portas, ao tempo das modificações dos fins do seculo XVII.

Dá uma para o claustro e outra para a sacristia. Antes da abertura d'esta porta a sacristia não tinha communicação directa com o templo. Fazia-se serventia pelo claustro. Foi mesmo preciso fazer uma passagem abobadada por fóra do edificio para estabelecer a communicação.

Houve outr'ora no cruzeiro um côro de madeira, destinado, por certo, ao serviço ordinario do con-

---

[1] Diz-se que Filippe II, quando visitou a egreja, se extariara pela perfeição d'essa imagem, e que não poude conter-se que não dissesse: — *Miren, que me quiere hablar* !

[2] Na parte em que faz a narração d'um tumulto dos frades do mosteiro, occorrido no reinado de D. Henrique, t. I pag. 358.

vento. Encontrâmos referencia a elle nas noticias da trasladação, já citadas, e na *Historia* de Rebello da Silva.

Durou até quasi nossos dias.

Tambem não devemos deixar sem menção os dois ricos pulpitos que se engastam nos angulos da capella-mór. São valiosissimos como trabalho de esculptura.

E' porém de notar que a renovação da capella os inutilisou, por lhes taparem, por descuido, talvez, as entradas. Ultimamente se arranjou uma escada, por fóra da egreja, para aproveitamento d'um d'elles, mas pouco tem servido. A porta fica disfarçada no fundo d'uma das capellinhas lateraes. E' a primeira do lado do evangelho.

Como é natural, os paramentos do mosteiro são riquissimos, mas a tudo sobreleva uma custodia que D. Manuel lhe legou em seu testamento, a qual é considerada como a mais rica peça de ourivesaria que o paiz possue. Foi cinzelada por Gil Vicente, tio do celebre poeta dramatico d'este nome. [1]

Encontra-se actualmente, não sabemos porque, no thesouro da casa de Bragança.

Tambem existe noticia d'uma bella cruz de prata de que actualmente se desconhece o paradeiro.

---

[1] Foi feita com o primeiro oiro que a Portugal veiu do Oriente, producto das pareas de Quiloa.

Ao fundo do templo ha um grande côro em que se ostenta apreciavel trabalho de talha, puro gosto renascença, feito de madeira de bordo. Avultam aos lados d'elle as frentes enormes de dois orgãos, mas só as frentes, porque os orgãos acham-se completamente esbandalhados.

O da esquerda foi mandado fazer, conforme diz um distico, por um bispo de Pernambuco, mas cremos que nunca chegou a tocar; o outro era o melhor orgão do paiz, tanto pela belleza das vozes, como pela quantidade de registos.

Foi construido, em 1781, por Manuel Teixeira de Miranda, segundo reza o letreiro. Com o tempo estragou-se. Durante as ultimas reparações a que se procedeu no templo houve ideia de o concertar, e foi chamado para esse encargo um organista muito distincto de Lisboa, que todavia provou nada perceber de construcção de orgãos, porque o resultado foi a completa inutilisação de tão bello instrumento.

Debaixo do côro ha duas capellas: a do lado da epistola que foi outr'ora de S. Leonardo, está transformada hoje em baptisterio da freguezia, a outra é do Senhor dos Passos. Tem irmandade que dura ha mais de dois seculos.

Na capella do baptismo estão depositados os restos do grande poeta João de Deus, fallecido em janeiro de 1895. Espera desde então que se lhe dê sepultura propria.

O comprimento total do templo é de 88 metros, e a largura de 22,^{m}5 nas naves, e 49,^{m}5 no cruzeiro, contados de extremo a extremo das capellas lateraes. O côro mede 20 metros de fundo. A capella-mór tem 9 metros de largura. Só ha em Portugal duas egrejas maiores: a da Batalha e a de Alcobaça.

O terramoto de 1755 damnificou alguma coisa o templo. Não em acto continuo, mas quasi um anno depois, cahiu um bocado da abobada, por cima do côro, que foi promptamente concertada.

Aspecto do dormitorio ao acabar-se

III

O dormitorio—O vestibulo—Motivo provavel da sua edificação—Epoca em que foi feito—As torres—A porta principal—As imagens de D. Manuel e D. Maria—Sala dos reis—Os arcos da galiléa—Intenções de D. Manuel a respeito d'essa arcada—A restauração de 1859—A derrocada da torre central—O centenario da India—A morosidade dos trabalhos de restauração.

As modificações que tem soffrido o chamado dormitorio mascararam inteiramente a sua forma primitiva. Comtudo póde vêr-se, na estampa que vae junta, o que elle era no momento de acabar de se construir.

Só resta do antigo edificio a arcaria do primeiro pavimento, o que bem se conhece pela differença da côr da cantaria.

Pareceu aos frades que seria grave incommodo descerem ao pateo, para entrarem no templo, e d'ahi proveiu a singular barbaridade de se construir o tal corpo intermediario que foi tapar a frontaria principal da egreja, occultar e estragar a porta nobre, não

deixando que se concluisse a fachada que o risco inicial devia indicar.

Parece ter sido feito em 1541, por que se encontrava esta data num dos artezões da sua abobada.

No plano inicial havia duas torres, uma das quaes não subiu alem do telhado, e a outra pouco se elevou acima do templo, sendo rematada por uma cobertura *ad hoc,* como se vê na mesma estampa.

O vestibulo consistia num corpo quasi da altura do templo. Abria-se por baixo uma arcada funda, sob a qual ficou a porta da egreja. Na extremidade estava a portaria do convento.

Desappareceu este corpo logo ao começo da reconstrucção de 1859, porque no seu plano entrava a reorganisação da fachada principal.

A porta principal do templo, embora menos ornamentada que a lateral, não é por isso menos bella.

Tem aos lados dois grupos altamente significativos e valiosos: o da esquerda representa D. Manuel, de joelhos, tendo pela rectaguarda S. Jerony-mo ; o da direita mostra a rainha D. Maria, tambem ajoelhada, tendo por detraz S. João Baptista.

Damião de Goes, o famoso chronista de D. Manuel, diz que «estas duas figuras são talhadas em pedra lioz, e os rostos tirados assáz bem ao natural.» Faria e Souza diz tambem «*que los dos Reys se ven*

---

[1] *Chronica de D. Manuel*, t. I, pag. 29.

tan parecidos que diziam las personas de su tiempo: non les faltaba mas que hablar. » [1]

E' evidente que D. Manuel não mandaria collocar a sua imagem e a de sua mulher numa porta que devia ficar occulta sob uma arcada.

Ornamentam a parte superior d'essa entrada tres altos relevos, representando a *Visitação, o Natal de Christo*, e a *Annunciação*.

Todos os ornatos do remate, foram destroçados.

O andar nobre do vestibulo era occupado por uma sala que estabelecia communicação entre o côro e o dormitorio. Chamavam-lhe *sala dos reis*, por ter em volta das paredes os retratos a oleo de todos os monarchas portuguezes.

O tecto da sala era um bello apainelado de talha, estylo renascença, que foi vendido por uma bagatella a um ferro-velho. Parte d'elle adorna hoje uma das mais luxuosas salas de Lisboa.

O extenso dormitorio tinha no segundo piso as setenta cellas que já dissemos, as quaes abriam para um corredor que tomava todo o comprimento da edificação. Ao fim havia uma varanda debruçada sobre um jardim.

Tres corpos, um pouco mais elevados, davam certa graça ao edificio. A algum d'elles, talvez ao do meio, devia pertencer uma linda janella geminada

---

[1] *Europa Portugueza*, t. II, pag. 510

que actualmente se encontra no Museu Archeologico do Carmo.

Os arcos do piso terreo foram abertos a principio e destinados a servir de abrigo aos peregrinos e viandantes, mas depois foram sendo successivamente fechados, applicando-se as casas assim constituidas a depositos do estado e de particulares. A renda d'esses depositos era uma das receitas do mosteiro.

Tambem ali esteve por muitos annos uma tanoaria dependente do arsenal da marinha.

D. Manuel pensou mesmo, ao mandar fazer o dormitorio, em estabelecer ali uma especie de mercado de contratação das fazendas da India, encarregando os frades da gerencia d'esse mercado.

Mas os reverendos, pouco dispostos a affastarem-se dos seus habitos de beatifica indolencia, accudiram logo a declinar o encargo, embora lucrativo, ponderando a el-rei: — «*que les diesse lo que el quisiesse, para sustento de sessenta ou setenta frayles, e que les quitasse aquellos cuidados.*»[1]

Com o decorrer dos annos o aspecto geral do dormitorio alterou-se profundamente.

Os frades, quer para augmento das accommodações, quer simplesmente por espirito de transformar, deturparam completamente a edificação, outr'ora tão correcta. Abriram janellas grotescas, entu-

[1] Siguença—obra cit.

lharam as existentes sem precisão, alcandoraram casitas por cima do edificio, estragaram tudo finalmente, como se vê da gravura que reproduzimos.

Por milagre pouparam o templo e as outras dependencias, se bem que não deixaram de lhes fazer alguns desacatos, como veremos.

Por circumstancia que ignoramos, a communidade, tão grande e faustuosa a começo, foi diminuindo a ponto de só ter, em 1833, uns treze ou quartorze frades.

O governo liberal, que acabava de ser estabelecido no paiz, achando mal apropriado tão grande edificio para tão pequeno numero de habitantes, entendeu melhor applica-lo a uma instituição de caridade, chamada Casa Pia, que estava nesse momento muito mal accommodada noutro local de Lisboa.

Foram os poucos frades distribuidos por outros mosteiros e o benefico estabelecimento veiu installar-se no glorioso edificio dos Jeronymos.

Falha de recursos, luctando com falta de alojamentos, pois o edificio era ainda assim pequeno para o grande numero de creanças albergadas, a Casa Pia pouco lucrou ao principio com essa mudança, e o monumento continuou a ser victima de frequentes e dolorosos ultrages.

Mas surgiu emfim um momento de ventura para a portentosa edificação de D. Manuel.

O mosteiro em 1859

Um cavalheiro que se tornara celebre pelo seu eminente espirito de administração, o illustre par do reino José Maria Eugenio de Almeida, cedendo ás instancias do governo, tomou conta da administração da Casa Pia.

Depois de reorganisar inteiramente o estabelecimento, fazendo d'elle a melhor casa de educação do paiz, voltou-se para o monumento e pensou na sua reedificação, applicando a esse projecto o arrojo de iniciativa e largueza de vistas que lhe eram habituaes.

No seu relatorio de 1860, em que dá conta dos primeiros trabalhos realisados, diz o notavel administrador :

«...A parte d'este monumento, occupada pela Casa Pia, não só estava por acabar, mas tinha além d'isso sido deturpada de um modo desgraçado com trapeiras, casebres, tabiques, rebocos, aterros, alegretes e tudo mais que lhe puzeram todos desde a morte de D. Manuel até nossos dias. Era pois uma obra de bom gosto e de brio nacional, limpar o monumento d'essas excrescencias, pondo-o em harmonia com as obras da antiga fabrica, e traçar as novas construcções de modo tal, que o seu estylo, embora simples, não desdissesse do estylo do monumento, que para ser respeitado e imitado, bastará lembrar-nos que tem o cunho de coisa nossa portugueza.»

O primeiro architecto convidado para essa importantissima obra foi um francez de nome Colson, que fez uns desenhos, talvez muito bonitos, mas nada apropriados.

Veiu depois um portuguez de nome Valentim José Corrêa, já falecido que deu o risco das janellas do piso superior e por ahi ficou.

O inglez Bennett, a quem a construcção do formoso palacio de Monsarrate, em Cintra, dera grande nomeada, foi seguidamente convidado. A esse devem-se os desgeitosos torreões que terminam agora o dormitorio, encimados por uns minaretes descabidos, e adornados por umas ornamentações caricatas de conchinhas e outras futilidades; e nada mais.

Seguiram-se dois italianos, Rambois e Cinati.

Esses dois artistas, que mais eram scenographos do que architectos, construiram a torre mitrada que hoje vemos sobre a egreja, a qual, alem do seu triste contraste com o conjuncto do templo, tem mais o defeito de estar pondo em risco, segundo dizem os entendidos, a estabilidade do edificio, por ter pezo demasiado.

Projectaram tambem uma torre central para o dormitorio que estava quasi concluida, quando, por defeito de fabrico, veiu a terra em 1878.

Era uma construcção famosa, que devia attingir mais de cem metros de altura, mas pouco propria

para o edificio a que se destinava, pela disparidade com o estylo geral do monumento.

Com a triste nota da derrocada paralysaram as obras dos Jeronymos, ou pelo menos, perderam o grandioso *elan* com que iam. O antigo dormitorio, agora appellidado *Annexo*, ficou abandonado com aquella chaga aberta, mostrando o logar onde se deu o desmoronamento.

No plano geral da reconstrucção entrava, como já dissemos, o arranjo da fachada principal do templo que a inclusão do vestibulo horrorosamente deturpára; mas, além da torre, apenas se abriu uma enorme *rosace* para dar luz ao côro.

Ainda como seguimento a esses trabalhos de reconstrucção se alargou o aterro na frente do edificio, collocou-se o gradeamento, repararam-se alguns estragos produzidos pelo tempo e outras pequenas coisas no exterior.

Para a desastrada bocca, aberta pela derrocada, se fizeram bastantes projectos, todos mais simples, é claro, que a famosa scenographia dos dois italianos, mas ficaram sem execução.

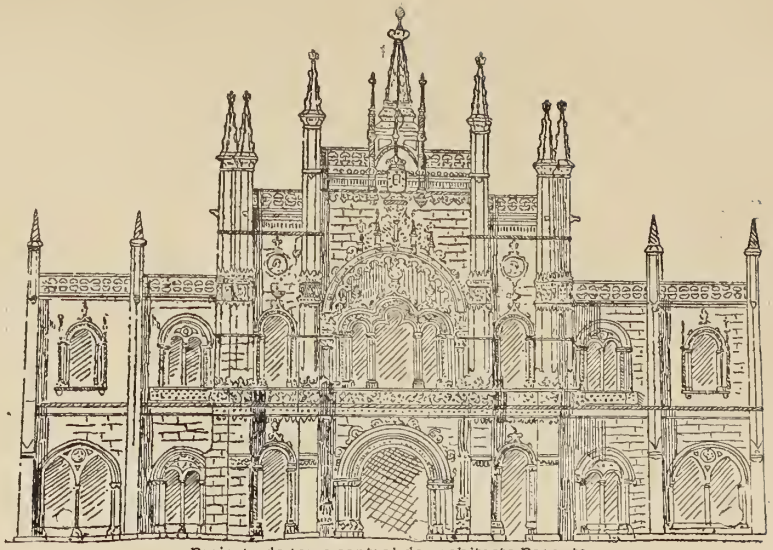
Pelo *Centenario do Descobrimento do Caminho Maritimo para a India*, abriu-se concurso de projectos para restauração da egreja e do annexo. Para este ultimo obteve o primeiro premio o architecto Parente, já falecido, e para o templo o conhecido artista Adães Bermudes.

Damos a estampa do alçado da torre central do annexo que obteve a preferencia, mas não é propriamente isso o que se pensa fazer, para concluir o edificio, mas sim coisa mais simples, embora similhante.

E' outro projecto do mesmo artista.

Em tempos um architecto muito illustre, Possidonio da Silva, elaborou uma reconstrucção bastante desenvolvida do templo. Mandou modelar em madeira esse projecto e apresentou-o na exposição de Paris de 1868.

Emfim, o que se mostra é que desde 1859 vem este famoso monumento merecendo as mais sollicitas attenções dos artistas, mas a verdade é que muito pouco se tem adiantado na sua restauração.



Projecto da torre central do architecto Parente

IV

A portaria do mosteiro—A escada principal—O quadro de Gaspar Dias—O claustro—Os florões das pilastras — A capella de Alexandre Herculano— O refeitorio—A casa do noviciado—Uma phrase de Filippe II—O claustro superior—A bibliotheca—A cerca.

A entrada para o mosteiro, hoje serventia do orphanato ali estabelecido, é uma porta vulgar, feita certamente durante as obras dos fins do seculo XVII.

Aos lados salientam-se dois bustos de pedra, em alto relevo, que devem representar Julio Cesar, o da esquerda, e Hercules o da direita. Pelo menos assim o dão a entender os attributos que os revestem, e melhor o declaravam uns letreiros que por baixo lhes haviam collocado, hoje illegiveis.

Diz a tradição que essas duas esculpturas se encontraram soterradas ao abrirem-se os alicerces do edificio, mas é pouco natural. O certo é que são, por sua factura, similhantes a outros trabalhos do monumento, e não parece terem sido feitas para aquelle local, nem tem nada de primorosas.

A entrada é para um vestibulo de regulares dimensões. Em face ha uma porta e segue logo uma escadaria de pedra, a principal do edificio, que começa num lance, voltando repartida em dois, com que attinge o nivel da desapparecida sala dos reis ou ante-côro.

No patamar, em frente da entrada, ha um quadro pintado a oleo, estragado a ponto de hoje mal se perceber. Affirma um distico ter sido maravilhoso, como todas as obras de Gaspar Dias. E' pintado sobre madeira.

Deixemos porem a escada e voltemos á portaria,

A' direita, uma porta de grandes dimensões dá-nos passagem para o claustro.

E' extraordinariamente bella essa parte do monumento. Se o templo nos surprehende pela sua grandeza e magestade, o claustro, esse enleva-nos, arrebata-nos, deixa-nos embevecidos diante d'essa multidão de columnas flexiveis e rendilhadas que constituem a arcaria graciosa das suas galerias.

E' quadrado e tem cada uma das alas o comprimento de quasi 56 metros, sobre 6,^{m}25 de largura.

A cada ala correspondem 6 arcos. Tem dois pavimentos, e por cima corre-lhe um terraço.

O lanço que temos em frente é o que encosta á parede do templo.

Lá estão ainda as doze portinhas, tapadas agora, que communicavam com os confissionarios.

Este lanço devia ter sido o primeiro começado e acabado; e é, por assim dizer, a parte por onde se entra na historia da epocha gloriosa de nossas navegações e descobertas

Apesar da elegancia do artezoado da abobada, a despeito do encanto que nos traz á vista a incomparavel belleza d'esses inextrincaveis brincados que se enfeixam e ennovelam interminavelmente nos rasgadissimos arcos que abrem sobre o vasto jardim central, o espirito, ainda assim, sente-se-nos presa de um inexplicavel recolhimento, os olhos não vêem cousa alguma, perdidos nesse immenso conjuncto, e a alma, voando-nos a outras epochas e a outras regiões, deixa-nos a parte material de nós mesmos queda e estatica nessa contemplação a que nem o mais indifferente póde furtar-se, a primeira vez que transpõe o portal d'esse maravilhoso recinto.

A luz rompe a jorros por entre as lavradas e elegantissimas columnas dos arcos, e todavia, debaixo d'essa abobada sente-se a soturnidade fria de um corredor subterraneo. A multidão dos arrendados atordoa-nos, cega-nos, pela impossibilidade de os abranger a todos, ao passo que os olhos do espirito, voltando involuntariamente para toda essa immensa epopêa de gloria e de sangue, de heroicidades e cruezas recordadas ahi, nessas pedras mudas mas symbolicas, se embrenham num dedalo de recordações emotivas de que não ha arrancarem-se.

São os trabalhos d'essas epicas navegações, emprehendidas pelos audaciosos navegadores lançados por D. Henrique nas ondas alterosas do oceano; são as luctas gigantescas sustentadas pelos impavidos guerreiros de D. Manuel, nas plagas longinquas da costa industanica; são as riquezas fabulosas arrancadas a esse mysterioso Oriente, e trazidas, á custa de mil perigos e crueldades, ás aguas cristallinas do limpido Tejo; são todas estas recordações homericas que nos acodem em tropel ao espirito, confundidas e baralhadas como em phantastico kaleidoscopio, embevecendo-o e inebriando-o de modo entontecedor.

O monumento é sempre a pagina mais brilhante e caracteristica da historia dos povos.

Se as pyramides nos revelam a grandeza d'essa civilisação egypcia dos Pharaós; se os monumentos de Roma nos servem como de illustrações ás paginas de Tito Livio, explicando-nos e caracterisando a historia d'esse portentoso povo romano; se as ruinas da velha Grecia nos explicam por mil phrases mudas qual foi o grandissimo desenvolvimento artistico d'esse povo poetico e grande, que assoberbou pela sciencia e pela arte o mundo da sua epocha; tambem por sua vez, vindo a tempos mais recentes, o monumento nos synthetisa, com a idéa historica que representa, o estado psychologico da quadra em que foi erigido.

Santa Cruz de Coimbra, Batalha e Jeronymos são, para nós, os tres quadros mais expressivos da feição particular das tres differentes epochas que rememoram.

As arcadas do pavimento inferior, em que entrámos, são partidas em dois arcos, e cada um d'estes ainda noutros dois. De modo que, a cada uma d'estas aberturas, correspondem tres columnellos, finos, elegantes, ligeiros, mas copiosamente lavrados de graciosas bordaduras.

Nos sobre-arcos vêem-se variados florões e o artezoado da abobada, que é ogival, remata em fechos lavrados como os da egreja.

Nas pilastras, que separam as arcadas, desenham-se ornatos varios, symbolos, certamente, de factos relativos á epocha da construcção, mas que hoje, mais de quatro seculos passados, não são faceis de decifrar.

Logo na primeira se vê, dentro d'um escudete, um feixe de plantas, cuja significação tem motivado bastantes hypotheses, mas nenhuma opinião absolutamente acceitavel,

Em muitos outros logares do monumento se vê este symbolo.

Será uma representação da pimenta, do cravo, da canella, d'aquellas especiarias que tanto enriqueceram o Portugal do seculo XVI?

A pilastra seguinte tem dentro d'um florão a fi-

gura do Sol. Nas outras tres subsequentes vêem-se bustos de homens, com a face voltada para a primeira, mas na pilastra logo adiante encontra-se outro busto de homem, virado para o lado opposto.

O vulgo, que se praz de arranjar explicação para tudo, começou de dizer que os tres primeiros bustos representam Vasco da Gama, Paulo da Gama e Nicolau Coelho, os tres ousados capitães que foram ao descobrimento do caminho maritimo para a India, e que o ultimo é Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil.

Esta explicação que talvez não seja phantastica, estriba-se na posição das figuras;—as tres primeiras parece caminharem para o sol, isto é, para o Oriente; e a outra, abandonando esse trilho, avança para o poente, para as Terras de Santa Cruz.

Ha porem a notar que o esculptor collocou na cabeça das figuras uns chapeus algum tanto grotescos, e lhe lançou aos hombros a chlamyde romana, presa com o respectivo broche; e não parece muito natural que se representassem assim individualidades de tal magnitude, a tempo em que ainda estavam vivas duas d'ellas.

Na pilastra final d'essa ala estão as armas reaes com os floreados da epocha.

Além das doze portas dos confessionarios vemos ao começo um retabulo, cavado na parede, onde esteve um quadro, e ao fim abrem-se duas portas.

A primeira dá para uma escada que, mettida na grossura da parede do templo, serve o côro e vae até á torre; a outra communica para a egreja.

Esta ultima é uma das portas abertas no logar das capellas do cruzeiro, e logo se vê, pela sua simplicidade—uma singela abertura na parede—que não pertence á primitiva construcção.

No lanço para que voltamos agora, o oriental, temos logo em frente um retabulo similhante ao que já vimos, tambem sem ter quadro.

As pilastras são ornadas por escudetes contendo symbolos da paixão. Mas nota-se, logo alem, uma porta larga, bastante ornamentada, que é a da sacristia.

Segue-se um altar pouco fundo, que tem correspondente na ala opposta, mas estão ambos vasios. No tempo dos frades havia nelles missa.

Depara-se-nos mais a diante uma porta verdadeiramente famosa. Melhor diriamos duas, porque as separa uma pilastra miudamente floreada, fazendo parte da ornamentação geral. Aos lados d'essa portada estão duas figuras em vulto, representando a da direita, S. Jeronymo, e a da esquerda, Santo Agostinho.

Sobre as portas salientam-se dois medalhões, em baixo relevo, desenhando-se num a figura d'um homem, barbado, e noutro a de uma mulher. Não conseguimos nunca perceber quem representam.

Esta elegante entrada era para a casa do capitulo. Preciso é porem dizer-se que nunca para tal serviu, porque os frades fizeram sempre as suas reuniões no ante-côro, por não se ter concluido o recinto a tal fim destinado.

Todavia, olhando para dentro, atravez umas grades muito modernas, que lhe servem de portas, vê-se uma casa concluida, na qual vamos entrar, explicando ao mesmo tempo o que ella é, e para que serve actualmente.

Quizeram os admiradores de Alexandre Herculano, o grande historiador que floresceu em meados do seculo passado, depositar-lhe os restos em local condigno do seu alto valôr e foi escolhido esse recinto que não chegara nunca a ter abobada, e que a Casa Pia aproveitava, com um telhado *ad hoc*, para aula de desenho. E' pois a capella do auctor immortal do *Eurico*, e lá se vê, a meio, um formoso mausoleu onde seu cadaver está encerrado.

A capella fecha numa abobada artezoada, em tudo similhante ás da igreja e dos claustros, e que, attendendo á sua largura que não será de menos de 16 metros, é uma obra importantissima.

O seu comprimento será de uns 25 metros, occupando a abside que está separada do corpo por tres degraus, um terço d'esta extensão.

Nos angulos, sobre peanhas mettidas na parede, estão os quatro evangelistas.

No altar que é feito de marmore escuro de Extremoz, ostenta-se, em tamanho maior que o natural, uma imagem do Crucificado, obra prima do inspirado buril de Simões de Almeida.

E' feita de marmore branco, e ha nessa imagem tal relevo de musculatura, tal perfeição de formas, uma tão doce suavidade de expressão, que, ainda ao observador mais despreoccupado, ella inspira um sentimento indefinido de vaga melancolia, ao que ajuda poderosamente o tom soturno e semigothico da capella.

Para a parte da rua deitam duas grandissimas janellas, iguaes ás da igreja, mas que ainda assim pouca luz ministram, porque os vidros são de côres.

Fallemos agora do mausoleu.

Occupa o centro da capella, onde se ergue magestoso e soberbo, como a dar realce a tudo que o cerca. E' formado por um socco, de que se erguem quatro pilastras de mais de 6 metros de altura, encimadas de corucheus. A cada topo desenha se um arco, e nos lados tem dois, cujos encontros são sustentados por graciosos columnellos. Acima dos arcos segue um sem numero de redilhados de pedra, terminando os dos lados por florões, e os dos extremos por cruzes.

No meio, e assente sobre seis leões, repousa um enorme ataúde, de extrema simplicidade, ornado com uma pequena cimalha.

Em volta d'este lê-se o seguinte: na face direita—

Nasceu em Lisboa aos 28 de março de 1810; na esquerda — Falleceu em Valle de Lobos aos 13 de setembro de 1877.

Na face que olha para o altar está a seguinte quadra:

Dormir? só dorme o frio
Cadaver, que não sente.
A alma vôa, e se abriga
Aos pés do Omnipotente.

A. Herculano.

e na face opposta, que serve de porta ao ataúde, o seguinte epitaphio, colhido numa das obras do grande historiador:

«Aqui jaz um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades.»

Na parede do fundo estão praticadas duas portas pequenas, de architectura simples, uma das quaes abre para uma extensa escada, que dá serventia para uma tribuna, aberta na mesma parede, a outra é apenas um adorno. Entre essas portas está uma lapide em que se lê o seguinte:

«Esta capella foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo o monumento a Alexandre Herculano, sob proposta do deputado Marianno Cyrillo de Carvalho, em sessão de 22 de março de 1884, e com o auxilio efficaz do ministro das obras publicas Antonio Augusto de Aguiar.

«O mausoleu e a estatua do crucificado foram erigidas por subscripção feita entre amigos e admiradores do finado.

«As obras da capella e do mausoleu foram gratuita e zelo-

samente planeadas e dirigidas pelo distinctissimo engenheiro Manuel Raymundo Valladas — *A commissão executiva.*»

Por cima d'esta lapide vê-se uma tribuna pequena, collocada como um nicho a consideravel altura. Constitue nota um pouco destoante de todo aquelle conjuncto, mas é antiga.

Quando voltamos ao claustro sentimos um certo alivio, porque o ambiente da capella é frio e pesado.

O lanço septentrional é inteiramente similhante aos outros. Abrem-se nelle duas portas primitivas que deviam communicar com outro claustro, que nunca se concluiu.

Hoje é um pateo, rodeado por edificações modernas, dependencias do orphanato. Mas ainda ahi se vêem alguns vestigios de antigas construcções numa das paredes; e, numa excavação que ha pouco se fez, achou-se um pedaço de pilastra, talhada no gosto da architectura inicial do monumento.

No manuscripto, hoje publicado, de fr. Jacintho de S. Miguel, se diz que os dormitorios e officinas do mosteiro, deviam ser, pelo risco primitivo, em volta d'esse claustro. Ficou tudo em projectos, como a casa do capitulo.

Ao fim da mesma ala abre-se ainda outra porta, ou, melhor diremos, furaram toscamente a parede a fim de abrir uma passagem para dependencias feitas para installação do orphanato.

Mas em nossa frente está a porta do refeitorio. Entremos. E' uma casa tão larga como as galerias do claustro e que toma quasi a extenção d'uma das alas d'elle. Falta-lhe só o pedaço tirado para se fazer a escada principal.

E' de abobada artezoada e nas paredes existem bellos quadros de azulejo, representando scenas da Escriptura.

Ao fundo, dentro d'um retabulo, havia um quadro, a fresco, representando a Virgem. Attribuiam-no a Amaro de Valle, e era muito apreciado. O tempo e os maus tratos estragaram-no completamente.

Por aqui se vê que os frades Jeronymos eram pouco apreciadores de pintura, para lhes não chamar grandissimos estragadores de quadros!

Por cima do refeitorio havia a chamada casa do noviciado, que tambem servia para aposento dos hospedes do mosteiro. Ahi esteve alguns mezes Filippe II, que era profundo apreciador do monumento. Attribue-se-lhe uma phase, decerto exagerada, com que elle synthetisou, d'uma vez, toda a sua admiração pelo famoso mosteiro — *No hemos hecho nada nel Escurial!*

Para o claustro superior ha varias subidas: a escadaria principal, já descripta; a escada que vae para o côro; a da tribuna da casa do capitulo; e ainda duas modernas communicações com dependencias da Casa Pia.

Mas, quando lá chegamos, logo se nos patenteia uma notavel differença de construção, aliás bem justificada pela data de 1594 a que noutro logar nos referimos.

Já sabemos que a parte baixa do claustro estava quasi concluida ao tempo da morte de D. Manuel. O restante accusa, com bastante evidencia, a época posterior em que foi feito.

As arcadas, que no piso inferior são divididas em quatro, sustendas por elegantes columnellos, nesta parte apenas se dividem ao meio. Mas os arcos menores e a respectiva columna central, só ha poucos annos foram concluidos. Deve-se ao engenheiro Valladas essa obra.

Só existiam os encontros e a base dos pilares.

Por muito tempo estiveram tapados a cal e areia os vãos d'esta arcada, servindo as quatro alas para dormitorio dos orphãos da Casa Pia.

Foi José Maria Eugenio quem as mandou destapar.

Correspondendo a cada pilastra, ergue-se no varandim uma especie de acroterio que forma um nicho habitado por um santo. Remata toda a edificação um attico, de estylo duvidoso, em que avultam medalhões com umas figuras em alto relevo que parecem debruçadas a espreitar o jardim. São do genero das duas que vimos á porta.

Com esta parte communica a sala que servia de

bibliotheca do mosteiro: Fica por cima da sacristia e tem a mesma fórma.

Era muito valiosa a livraria, tanto pela quantidade como pela qualidade dos livros que encerrava.

Já dissemos que a maior parte d'elles foram removidos para a bibliotheca publica, depois da extinção dos frades.

Os que ficaram constituem hoje o fundo da bibliotheca da Casa Pia, estabelecida no mesmo recinto.

Pertencia ao mosteiro uma riquissima biblia manuscripta e illuminada em Italia, que se encontra hoje na Torre do Tombo.

Foi legada em testamento por D. Manuel.

Levou-a Junot para Paris, e ficou sonegada por elle durante muitos annos. Depois de sua morte voltou a Portugal aquella preciosidade, em virtude de reiteradas instancias do embaixador portuguez.

Ainda outras obras valiosas pertenciam ao mosteiro, taes como o *Mestre de Sentenças*, escripto e illuminado em 1494, um breviario de D. Catharina, e as *Horas Canonicas* por onde rezava D. Sebastião, ambos tambem ricamente illuminados.

Sigamos agora para a cerca:

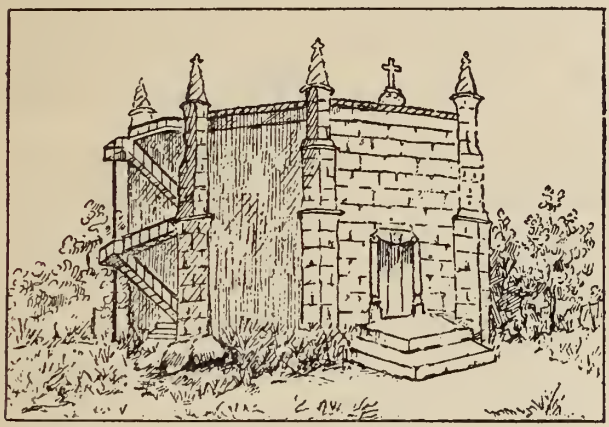
—

Não é destituido de interesse o dilatado logradouro que os frades tinham adjunto ao seu mosteiro,

servindo-lhes ao mesmo tempo de agradavel distracção e de abundante fonte de receita.

Algumas edificações existem nelle muito dignas de attenção.

Começaremos pela graciosa capellinha que de longe se descobre no alto do morro, soerguido por detraz do monumento.



Capella de S. Jeronymo

E' a de *S. Jeronymo.*

O seu estylo é puramente manuelino, e o tostado de sua cantaria, bem como a forma geral da edificação, logo nos patenteiam ser contemporaneo do monumento que lá em baixo repousa indolente á beira do Tejo.

Ha na capellinha um como arremedo do templo. Lá se vêem os botareus, ou gigantes, terminados por corucheus conicos, os lavores das cantarias com os mesmos entrelaçados pittorescos, as espheras e cruzes de Christo, como symbolos principaes; e até a mesma forma de artezoado da abobada.

E' pequenina a capella, terá uns onze metros de extenção. A porta, perfeitamente identica a muitas outras do mosteiro, com o mesmo chanfre ornamentado das hombreiras, e as mesmas bases e capiteis do estylo, abre para um adro pequenino mas gracioso.

Por cima tem um terraço que abrange todo o pequeno edificio, d'onde se avista um largo horisonte.

Profanada desde que os frades abandonaram o mosteiro, a capellinha tem servido até hoje de arrecadação de coisas varias.

Coitada ! desappareceram aquelles que certamente a estimariam com intima devoção, e os outros só lhe acharam prestimo para despejos! Pois vale mais alguma coisa a graciosa edificação !

Veneranda pela ancianidade que se revella em suas ennegrecidas cantarias, respeitavel pela tradição historica que vivamente rememora, ascetica pela solidão em que jaz no alto do seu morro, a capellinha de S. Jeronymo infunde no espirito do visitante um mixto de poesia e de respeito, de encanto e de recolhimento.

Immovel no cimo de sua colina, qual sentinella perdida d'um tempo que passou, de muito longe a descobre o nauta, quando demanda a barra da capital, e, muito antes de avistar a casaria da cidade, se lhe apresenta a piedosa capellinha, como a pedir-lhe uma prece de acção de graças para o céu e uma recordação gloriosa d'essas grandezas d'outr'ora de que o singello eremiterio é pequeno mas solemne pregoeiro.

A meio da encosta encontra-se outra capellinha que não é menos interessante.

Chama-se o *Santo Christo*.

Visto por fóra apenas se nos apresenta um cerrado com uma pequena edificação lá dentro, simples mas caracteristica.

Entrando no recinto murado vê-se então que é uma capella, ladeada por um jardim minusculo. Em dois taboleiros se reparte esse pequeno espaço. No inferior, alem do jardimzito, vemos, á esquerda, um grande tanque; no mais alto está o edificiosinho, abrindo para um terreiro acanhado, com bancos de alvenaria á roda e uma meza de pedra ao canto, depois segue-se em frente outro jardim das mesmas exiguas proporções.

Tudo pequenino mas adoravelmente gracioso.

Na capella pouco mais d'uma duzia de pessoas poderão caber.

A construcção é evidentemente moderna, datará

dos fins do seculo XVII, Abstrahindo oito corucheus extravagantes que se lhe salientam do telhado, nada tem de singular, quanto ás suas fórmas architectonicas.

Todavia, pela sua mesma pequenez e pela aprazivel situação e disposição do seu conjuncto, o local é deveras pittoresco, e certamente seria um agradavel e attrahente retiro em que os frades, seus antigos possuidores, longas horas passariam de piedosa contemplação.

A sombra do caramanchão luxuriantemente emmaranhado sobre o pequenino recinto, o som monotono do correr da agua no largo tanque abaixo, a quietação e silencio morno do local, tudo ali devia convidar o espirito a um suave recolhimento religioso, predispondo a alma para a meditação e o corpo para um indolente repouso.

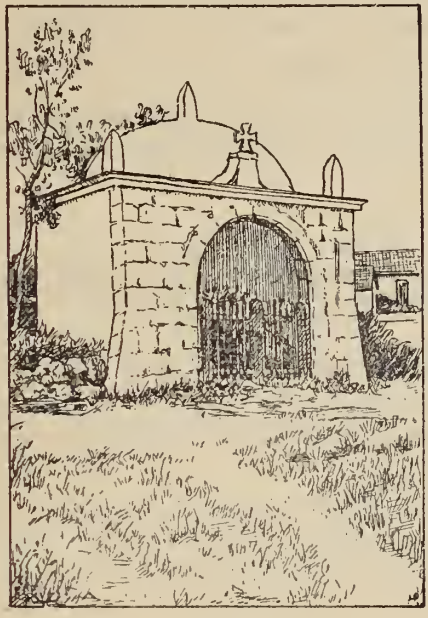
Como é facil de suppor tambem está profanada, servindo de deposito de alfaias agricolas ou coisas similhantes.

Frei Jacintho de S. Miguel ainda se refere a outra capellinha, dedicada a Santa Magdalena, que no tempo do chronista estava a cahir. Desabou effectivamente, não ficando indicio do local onde existia.

Fala tambem o mesmo reverendo d'uma casa que os frades mandaram erguer em local muito pittoresco a que chamavam Chunchoso, para nella descançar o rei D. João IV, que amiudadas vezes ia

caçar para a cerca. Num dos pilares d'essa edificação estavam esculpidos uns versos do mesmo monarcha.

Nesse logar existem agora dois fornos de cal, an-



Fonte Branca

tigos, porque num d'elles se vê a seguinte inscripção: — *feito sendo geral o mui Rv. P. Fr. Jacintho de S. Miguel, em 1737.*

A cerca é muito abundante de aguas que princi-

palmente lhe fornecem duas minas. Mas tambem cá tem em baixo dois poços, em que funccionaram as respectivas nóras.

Uma das minas vem dar a uma fonte, simples mas elegante, chamada a *Fonte Branca*.

Num tanque da horta, cuja bica saía da bocca de um leão, lê-se ainda o seguinte letreiro:

JAM LEO SANSONI MEL QUIDAM MISIT AB ORE
HIC PARITER NECTAR MITIT AB ORE LEO

cuja traducção é:

Assim como Sansão extrahiu o mel da bocca do leão, tambem aqui o leão lança o nectar da sua bocca.

Em dois depositos, um enorme, (especie de tanque) onde cabem 10:000 metros cubicos d'agua, se guarda, para as estiagens annuaes, o remanescente do inverno.

Na cêrca tambem existem algumas edificações modernas, pertenças da Casa Pia, que se fazem notar por sua elegancia e aspecto pittoresco.

V

A Casa Pia — Pina Manique seu instituidor—Desenvolvimento dos estudos na primeira epocha— As invasões francezas—Renascimento da pia instituição—Passagem para os Jeronymos—Reformas de José Maria Eugenio—Administrações posteriores.

Ficaria incompleto este trabalho se não dessemos uma noticia, ligeira ao menos, do instituto educativo actualmente accommodado no monumento.

Entre todos os estabelecimentos de caridade, destinados a educação de orphãos desvalidos, a Casa Pia de Lisboa é certamente o mais importante, mais rico, e que maiores serviços tem prestado á sociedade portugueza.

O seu inicio, que remonta ao seculo XVII (1780) foi numas edificações do Castello, restos, porventura, do palacio real chamado da *Alcaçova*.

A fundação d'este estabelecimento constitue uma attenuante valiosa a modificar um tanto a tradição de feroz despotismo e rancorosos flagicios que anda ligada á memoria do celebre intendente geral da policia de Lisboa, Diogo Ignacio de Pina Manique.

Foi esse alto funccionario do tempo de D. Maria I o creador do piedoso estabelecimento, e á sua obra, que no seu tempo era bem mais importante do que hoje, dedicou o intendente todos os cuidados, todas

Pina Manique

as attenções, todos os esforços mesmo, para fazel-a grandiosa e prestante, para constituir, não sómente um simples asylo de crianças miseraveis, mas uma escola de altos estudos, que foi isso a Casa Pia do tempo de Manique.

A idéa, porém, que inicialmente presidiu á sua fundação, não foi logo a de estabelecer uma casa educativa, como depois se tornou.

Bem longe d'isso.

Os primeiros albergados d'aquelle estabelecimento foram homens e mulheres de maus costumes, que vagueavam pelas ruas da capital e eram constante perigo para a segurança publica. Depois se recolheram ali algumas das muitas crianças que tambem exameavam nas vielas, e que, mercê dos tristes exemplos que recebiam, certamente se tornariam, mais tarde, perigosos scelerados.

Coerção e castigo para os primeiros, previdencia e caridade para os segundos.

Tal foi o principio da Casa Pia.

Manique, que é geralmente olhado como um despota, como um magistrado implacavel, incapaz de um movimento de benevolencia para ninguem, provou indubitavelmente, com a creação d'aquelle estabelecimento, que menos justa é a tradição odiosa que lhe ficou ligada ao nome.

Em 3 de julho de 1780 foi inaugurada com toda a solemnidade a grande instituição.

Os rendimentos da intendencia de policia, que eram avultadissimos, davam larga margem para todos os engrandecimentos que Manique lhe quizesse fazer.

Crearam-se officinas diversas para homens e mulheres e aulas para os menores.

Mas o que a principio foi apenas uma simples casa de correcção, tornou-se, ao diante, uma importantissima instituição litteraria, uma *universidade plebeia*, como lhe chamou Latino Coelho.

Além das aulas de primeiras lettras estabeleceram-se cadeiras em que se professavam sciencias e linguas, para a regencia das quaes foram chamados professores famosos.

O celebre José Anastacio da Cunha foi ahi professor de mathematica e regente dos estudos.

Creou-se uma aula de allemão, outra de anatomia, e finalmente, como louvavel innovação em Portugal, uma escola de obstetricia.

Mas não parava de portas a dentro da sua installação, no Castello, o ensino que se ministrava aos orphãos.

Mandavam-se estudar fóra, no hospital de S. José, os que se destinavam á cirurgia. Em Coimbra havia uma como filial do estabelecimento, onde estavam os orphãos que se matriculavam na Universidade.

Frequentavam outros a Academia de Marinha e a de Artilharia, Fortificação e Desenho, nessa epocha creadas em Lisboa.

Estabeleceu-se no Castello uma aula de desenho que depois tomou largo desenvolvimento, sob a denominação de *Academia do Nú*,

Mas ainda não ficou por aqui a fecunda e extraordinaria iniciativa de Manique.

Querendo completar inteiramente a educação dos seus mais intelligente e aptos pupilos, começou a mandal-os ao estrangeiro para cursarem, em aulas celebres, as artes e as sciencias.

Não foi, pois, uma simples casa de educação, vasada apenas em moldes velhos, o que Pina Manique organisou em Lisboa, sob a singella denominação de Casa Pia, foi um estabelecimento importantissimo de instrucção e nelle se recrutou, por assim dizer, toda uma geração de homens illustres, nas sciencias, nas lettras e nas artes e até sacerdotes que alcançaram proeminentes logares na egreja.

Mas a prosperidade da Casa Pia, devida aos incançaveis desvelos do celebre intendente, soffreu rude golpe com a sua morte, occorrida em 1 de julho de 1805.

O seu successor naquelle elevado cargo, Lucas Seabra da Silva, estava longe de ter o enthusiasmo pela educação nacional que Manique possuira.

Em 1807 fechou aquelle estabelecimento.

Junot, o chefe do exercito francez que invadira o paiz, precisou do Castello para aquartelamento de suas tropas, e aquelle pomposo edificio, que tinha abrigado tão importante e prestimosa instituição, foi entregue á soldadesca franceza, dissolvendo-se o piedoso instituto.

Mas a Casa Pia interrompeu a sua continuidade; não se extinguiu.

A invasão franceza, que déra origem a uma lucta horrorosa desde novembro de 1807 até aos fins do anno de 1810, tinha deixado, como nefasta e terrivel herança da sua passagem, o luto, a fome e as enfermidades.

Duas providencias se tornavam indispensaveis, quando, livre o paiz da oppressão dos exercitos invasores, se precisava cuidar da ordem e do bem-estar geral, e eram ellas: repatriar o grande numero de familias que viviam ao acaso pelas ruas de Lisboa, e dar abrigo á multidão de crianças que se encontravam ao desamparo, pela falta de seus paes.

Foi d'isso que se tratou.

As edificações da antiga Casa Pia, no Castello, encontravam-se de tal modo desmanteladas que não valia a pena reedifical-as. Resolveu-se, pois, estabelecer o orphanato na parte do convento do Desterro, que os frades, por pouco numerosos, conservavam deshabitado.

Estava assim resurgida a Casa Pia, e a esta sua segunda phase se chamou do *Desterro*.

Como na epocha anterior, o estabelecimento ficou dependente da Intendencia de Policia. Para seu administrador foi nomeado um individuo chamado Antonio Joaquim dos Santos.

A sua administração foi sempre digna de louvor, mas os elementos de que dispoz foram poucos, não lhe dando largas para grandes coisas.

A instrucção, propriamente dita, resumia-se ao ensino de ler e escrever. Crearam-se, porém, officinas diversas dentro do estabelecimento e outras fóra, como a de canteiros, junto ao palacio da Ajuda, e a de operarios metalurgicos no arsenal do exercito.

Assim se habilitavam os alumnos para poderem, no futuro, ganhar a sua vida.

Em todo o caso, não se desaproveitavam as crianças que davam mostras de aptidão para o estudo. Mandavam-se cursar aulas fóra e algumas foram para a Universidade.

Entrou nesse numero o conhecido Simão José da Luz Soriano, alumno da Casa Pia nessa epocha.

Havia uma loteria em Lisboa, creada annos antes, que pertencia alternativamente á Misericordia e á Casa Pia.

Com os premios não reclamados se tinha já formado a quantia, relativamente avultada, de vinte e dois contos de réis.

Santos empregou esse dinheiro na construcção da praça de touros do Campo de Sant'Anna que se concluiu em 1822.

Esta praça durou até 1888. A casa tinha o privilegio, desde muito, e ainda o tem, dos espectaculos tauromachicos em Lisboa.

Tambem durante o curto e calamitoso reinado de D. Miguel se creou uma escola em Lisboa, que era verdadeira novidade entre nós.

Foi a escola de veterinaria.

Os seus primeiros alumnos foram orphãos da Casa Pia, e nella se formaram muitos homens notaveis, como Ferreira Lapa e outros.

A lucta gigantea entre os dois partidos, liberal e absolutista, chegou ao seu auge, e a Casa Pia, victima d'essa triste conflagração, estava já a ponto de se não poder sustentar.

Venceram finalmente os liberaes.

A Casa Pia, oriunda do movimento instructivo do reinado de D. Maria I, impunha-se acima de tudo, pelas largas tradicções que representava.

Por isso, não só resistiu ao vagalhão das transformações democraticas, mas até veiu tomar, entre ellas, o logar importante que lhe competia pelo seu valôr e significação.

Um decreto de 28 de dezembro de 1833 transferiu-a para o convento dos Jeronymos.

Em 1835, foi-lhe annexada a escola de surdos-mudos, que em 1823 se fundara na Luz.

Esta escola, a primeira no genero que se creara entre nós, fôra dirigida, no seu principio, por dois professores mandados vir da Suecia.

Eram irmãos e tinham o appellido Borg.

No estabelecimento havia asylados dos dois sexos, formando duas repartições á parte: a dos rapazes ou alumnos, e a das orphãs.

O seu numero, nas duas epochas anteriores, ex-

cedia um milhar, mas nos Jeronymos as accomodações nem para quinhentos chegariam.

Alargaram-se as edificações e fixou-se, por um decreto organico de 1835, o numero de mil asylados: seiscentos rapazes e quatrocentas meninas.

Couceiro, o primeiro administrador d'esta epocha de Belem, foi substituido, em 1838, pelo rico negociante de Lisboa José Ferreira Pinto Basto.

A administração d'este cavalheiro trouxe á Casa Pia verdadeiros lampejos dos tempos aureos passados.

Crearam-se muitas officinas, melhoraram-se as condições economicas e sanitarias da Casa, desenvolveram-se emfim, de modo notavel, os estudos.

Ao estabelecimento veiu reunir-se um *geral*, especie de escola official secundaria d'esse tempo.

Ahi poderam os alumnos, que mostravam maior aptidão intellectual, adquirir os preparatorios para seguirem estudos superiores.

Por solicitação de Pinto Basto foi nomeada uma commissão administrativa de que tomou a presidencia o conde de Porto Covo.

Mais tarde dissolveu-se a commissão, assumindo aquelle titular as funcções de provedor.

Foi, portanto, o individuo que primeiramente exerceu tal cargo no estabelecimento.

Durou a sua gerencia, que foi sempre brilhante, até 1853, anno em que foi nomeado o marquez de Loulé (depois Duque).

A importancia que merecia ao estado o estabelecimento da Casa Pia pode bem aquilatar-se pelo valôr social e politico do homem que fôra encarregado da sua gerencia.

Muito lhe teria devido, certamente, a Casa Pia, se elle lhe pudesse ter prestado todos os seus cuidados e attenções. Mas os negocios publicos absorviam-no inteiramente. Pouco depois da sua nomeação assumiu a presidencia do conselho de ministros e o estabelecimento ficou entregue aos adjuntos, primeiro o dr. Moraes de Carvalho e depois o dr. Jacintho Frazão.

Nessa epocha decahiu bastante, chegando mesmo a um estado de abandono horroroso.

De ha muito grassava ali uma terrivel doença, que se não matava os pobres recolhidos, fazia-lhes talvez peor, lançando-os nas trevas da cegueira. Eram as ophtalmias.

A doença recrudesceu a tal ponto que já quasi não havia um orphão ou orphã indemne, e os completamente cegos contavam-se ás dezenas.

Urgia remediar tão grande mal, buscar administrador competente para aquelle estabelecimento.

Foi José Maria Eugenio d'Almeida o preferido.

A escolha não podia ser mais acertada. A Casa Pia em pouco tempo voltou á sua antiga prosperidade, porque o notavel provedor, empenhando todo o seu zelo, todo o seu altissimo talento na reforma

d'aquella casa, conseguiu, por meio de acertadas medidas, tira-la das circumstancias desgraçadas em que se encontrava, e fazer d'ella um estabelecimento modelo, talhado em moldes adequados ao tempo e ás condições da sua existencia.

O seu lemma foi este: *a caridade publica acaba no ponto além do qual cessam os meios necessarios para a executar.*

Tornou-a um estabelecimento sadio, onde se crearam, d'ahi para o futuro, homens robustos de corpo e de espirito, para as luctas da vida. Deu-lhe importancia e consideração para o publico, fez-lhe emfim, uma reforma larga e meritoria.

O que valeu a sua iniciativa com respeito propriamente ao monumento já atraz referimos.

Na organisação instructiva teve o sabio provedor um auxiliar valiosissimo no abalisado professor Simões Raposo, que exerceu o cargo de provisor dos estudos.

Espirito fino e lucido, alma energica e constante, coração inteiramente dedicado ao labor do ensino, Simões Raposo concorreu immenso, pela sua cooperação valiosa e sabia, para o engrandecimento com que essa administração dotou a Casa Pia.

Depois da morte de José Maria Eugenio, succedida em 1877, tem o estabelecimento conhecido mais os seguintes provedores: o sr. Carlos Eugenio d'Almeida, filho do antecedente, o sr. Francisco

Simões Margiochi, e Elvino de Brito, já fallecido.

Actualmente encontra-se á frente d'esta importante casa educativa o sr. Costa Pinto, cidadão illustre pelas suas raras aptidões administrativas, e muito apreciado em Lisboa, que representa em côrtes, pelos serviços relevantissimos que tem prestado.

—

Neste pequeno oppusculo ficam indicados os traços principaes do celebre monumento com que D. Manuel fez commemorar o grande feito de Vasco da Gama.

Sem pretenções a trabalho de critica artistica, nem desvanecimentos de que elle seja a ultima palavra sobre a historia do famoso edificio, apresentamos este trabalho ao publico, bastante augmentado nesta segunda edição, com o fim de lhe prestarmos o pequeno serviço de um guia atravez das bellezas do monumento.

Que a modestia do intento desculpe as imperfeições da obra.